ANO 25.º QUARTA-FEIRA, 20 DE FEVEREIRO DE 1946 N.º 8346

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 027: REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: *DIBOA* RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

«Melhores dias surgirão desanuviando o ambiente social das dificuldades presentes»

— *afirmou o sr. ministro do Interior* ao conferir a posse ao novo governador civil

PORTO, 20.—Teve grande solenidade a cerimónia da posse do coronel do Estado Maior sr. Joviano Lopes, do cargo de chefe do distrito, celebrada hoje de manhã, no edificio do Governo Civil.

Antes da hora anunciada era já grande o numero de pessoas que ocupava os seus lugares no vasto salão da Junta do Douro Litoral.

Nos corredores, gabinete e ante-camara, encontravam-se as pessoas de maior representação, entre as quais os srs. dr. Luiz de Pina, presidente do municipio portuense, dr. Antunes Guimarães, coronel Almeida Valente, dr. Cerveira Pinto, dr. Carlos Ferreira, dr. Pires da Cruz, procurador da Republica, coronel Sena Lopes, capitão de mar e guerra Rodrigues Coelho, dr. Marques de Carvalho, dr. Almeida Garrett, D. Ana Guedes da Costa, eng. Nogueira Soares, cónego António Joaquim Pereira, major Mendes do Amaral, presidentes de todas as camaras do distrito, numerosos oficiais do Exército, representantes da União Nacional, etc.

A's 11 e 30 chegaram os srs. ministros do Interior e da Guerra e o subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, tendo o sr. coronel Botelho Moniz passado revista á guarda de honra, constituida por uma companhia da G. N. R.

Terminada esta cerimónia, os membros do Governo deram entrada no edificio do Governo Civil, onde eram aguardados pelo general comandante da Região, rodeado pelo chefe do Estado Maior e seus ajudantes, comandante da Policia e oficialidade, e director da P. V. D. E.

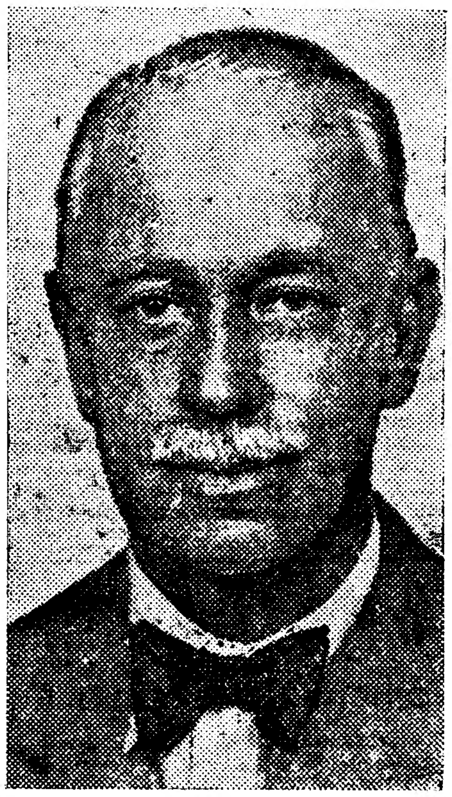
Deu-se depois inicio á sessão. A mesa foi presidida pelo sr. ministro do Interior que tinha á sua direita o sr. ministro da Guerra, o sr. coronel Joviano Lopes e dr. Mário de Almeida e, á esquerda os srs. dr. António Pinto de Mesquita, sub-secretário de Estado dos Estrangeiros, general Gaudêncio da Trindade e dr. Luís de Pina. O sr. dr. Lopes Dias, secretário geral do Governo Civil, leu o auto de posse, e o novo governador prestou o juramento.

O discurso do sr. ministro do Interior

O sr. tenente-coronel Julio Botelho Moniz pronunciou as seguintes palavras:

«Sr. ministro da Guerra: São para v. ex.ª as minhas primeiras palavras: de reconhecimento, pela honra que a todos nos concedeu vindo assistir a esta prometedora cerimónia, e de agradecimento pelo beneficio da autorização por v. ex.ª concedida para que o coronel Joviano Lopes pudesse trocar as importantes funções que exercia no Estado Maior do Exercito pelas

(Continua na pag. central)



CONDE PERTH

O sistema da Sociedade das Nações era mais democrático *que o da O. N. U.*

— afirmou o conde Perth

LONDRES, 20—Comparando o Organismo das Nações Unidas com a antiga Sociedade das Nações, o antigo secretário da instituição genebrina, conde de Perth (ex-sir Eric Drummond), declarou ontem na Royal Empire Society que as Nações Unidas tinham um valor que contrabalançava todos os defeitos que se lhe pudessem ver—abrangia todas as grandes potências do mundo.

O conde de Perth disse:

—Os perigos que defronta a raça humana hoje vieram principalmente da violência com que se revelou o nacionalismo extremo, que constitui o principal perigo para o novo organismo.

Acrescentou que a Sociedade das Nações e a O. N. U. principiavam as suas tarefas numa atmosfera inteiramente diferente. A Sociedade das Nações principiou a funcionar depois dos tratados de paz terem sido elaborados e assinados e com problemas políticos, como as fronteiras nacionais já inteiramente estabelecidas em teoria. Por outro lado, o Conselho de Segurança da O. N. U. teve, nas primeiras semanas da sua existência, de defrontar grandes problemas. Os técnicos dos assuntos tinham dito, na altura de S. Francisco, que os casos da Pérsia, da Grécia, da Indonésia, da Siria e do Libano, estariam na agênda da primeira reunião e «acho que a maior parte desses técnicos ficariam grandemente alarmados e declararam ansiosamente que um organismo nascente não poderia enfrentar com êxito uma provação dessas».

O conde Perth continuou:

—Segundo a minha maneira de ver, enfrentou esses problemas e saiu grandemente fortalecida. Parece-me bom que tais problemas internacionais tenham sido abertamente discutidos no forum mundial.

Declarou que o sistema da Sociedade das Nações de nomear um relator imparcial que se mantivesse em contacto com os protagonistas, quando surgia a disputa, parece melhor do que o actual sistema de deixar a solução e as pesquisas aos esforços dos membros individuais do Conselho de Segurança. Sugeriu que tal sistema da S. A. N. poderia ser adoptado pelo

(Continua na 8.ª pag)

O novo cardeal português

D. Teodósio de Gouveia fala ao DARIO DE LISBOA

(Serviço especial da O. R. A. para o «Diário de Lisboa»)

ROMA, 19.—No Colégio Português Pontifical, em San Spirito, foi hoje recebido por Sua Eminência o cardeal arcebispo de Lourenço Marques, na minha qualidade de representante do «Diário de Lisboa» para as cerimónias consistóras.

Dignou-s D. Clemente conceder-me algumas palavras que—disse—envia a Portugal para onde se dirige o seu mais afectuoso pensamento. «Sinto-me comovido e feliz pela honra que a minha nomeação para o Colégio dos Cardeais, representa para Portugal, para o prestigio do meu país e para a glória da sua acção ultramarina de tantos séculos. Eu sou imerecedor de tamanha benevolência do representante de Culto na terra, mas como missionário português ela enche-me de orgulho patriótco. Recai a distinção sobre o nosso Império, creador de civilização. Ficou assim demonstrado o afecto de Sua Santidade pela nossa pátria e o reconhecimento dos serviços que Portugal prestou sempre á Fé, pela redenção dos gentios, e á civilização. Saudo desde Roma, e uma casa que é portuguesa—este Colégo Pontifical—o povo do meu país, e envio um pensamento saudoso e enternecido á minha diocese de Lourenço Marques, ao episcopapdo de todas ás dioceses do Império ultramarino e ao da Metróppole. Não são meus pobres méritos pessoais que me levaram á purpura, mas a acção colectiva e secular das missões portuguesas e da acção do episcopado e dos homens bons de Portugal».

D. Clemente Gouveia depois das cerimónias oficiais demorar-se-á poucos dias, e dirigir-se-á então a Lisboa—segundo nos declarou—para tomar o paquete para a Madeira, sua terra natal, de onde regressará para as terras de Africa continuar o seu trabalho de missionário prelado. O cardeal de Lourenço Marques é extremamente afectuoso no trato, e como dispõe de muitas relações antigas em Roma, desde o tempo em que foi reitor do Colégio Português, tornou-se popular.

(Continua na pag. central)

A previsão oficial de ser necessário restringir mais o consumo de pão

O Ministério da Economia, em nota distribuida á Imprensa, esboça o quadro geral da situação dos mercados interno e internacional no que diz respeito ás disponibilidades de trigo. A situação geral é francamente má, como se depreende das declarações feitas, tanto pelo presidente Truman, como pelo ministro Bevin, com apêlos a todos os países para que intensifiquem a produção e limitem o consumo. E' dificil, contar, desse modo, de momento, com as possibilidades de importação. A nota oficiosa termina pondo nestes termos a situação actual:

«Não se é pessimista e pòr isso está-se convencido de que os paises fornecedores não tardarão a conseguir apurar com rigor o «déficit» real existente, distribuindo a seguir as reservas. Entretanto, só há que contar com aquilo de que efectivamente se dispõe e julga-se evidente ser preferivel ter algum pão até Agosto, em que já se pode utilizar o trigo da próxima colheita, a de um momento para o outro, por esgotamento das resarvas, cessarem totalmente as distribuições. Exactamente por isso, o Ministério da Economia lamenta ter de informar de que prevê se veja forçado a tomar em breve medidas drásticas no sentido da redução do consumo de pão. O Ministério da Economia espera que o País compreenda tratar-se de uma decisão inevitável, a tomar depois de esgotadas todas as soluções possiveis, e confia na consciência moral da Nação para que se saiba suportar este sacrificio, que a todo o custo, com afinco, teimosamente, se tem querido evitar».

Casou-se o príncipe Carlos da Suécia

NOVA YORK, 20—O principe Carl John, da Suécia, e a senhora Kristin Wijmark, de Estocolmo, casaram-se, ontem, em Riverside.

O principe renunciou aos seus direitos e ao titulo, passando a ser simplesmente o sr. Carl J. Bernadotte, que é o nome de família da Casa Real sueca.—(R.).

O que a França deseja obter dos Estados Unidos

CLEVELAND (Ohio), 20—O embaixador francês, Henri Bonnet, disse ontem que a França precisa este ano, dos Estados Unidos, de géneros alimentícios e matérias primas, no valor de mais de um bilião de dólares.—(R.).

A Inglaterra e o Egipto

A nota que o Governo egipcio dirigiu, em 20 de Dezembro, a Londres não difere sensivelmente dum ultimato redigido no estilo cuidado da diplomacia oriental. O Foreign Office respondeu, um mês depois, passando sobre o fundo da controversia que divide os dois paises e prestando-se amavelmente ás conversações sobre a revisão do tratado de 1936. Quando estas se iniciarem, com a chegada ao Cairo de sir Ronald Ian Campbell, estalará o vernis que encobre as incompatibilidades fundamentais entre a tese dinamica do Egipto e a doutrina defensiva da resposta britanica.

Que pede, em resumo, o Governo do Cairo aos seus aliados ingleses? A retirada completa e rápida das tropas que, nos termos do tratado anglo-egipcio, estacionam no territorio do seu país. «A presença de forças militares estrangeiras em tempo de paz, diz a nota, mesmo quando essas forças se encontram concentradas em pontos distantes, fere o nosso orgulho nacional e só pode ser interpretado pela opinião publica como a prova evidente de uma falta de confiança que o próprio Governo britanico, estamos convencidos disso, considera injustificada».

(Continua na pag. central)

VIDA literária

JULIO DANTAS

Julio Dantas, retrato a oleo de Abel Manta

Mais uma vez o sr. dr. Julio Dantas ocupa as altas funções de presidente da Academia das Ciências. O poligrafo eminente, que é hoje a figura mais representativa da literatura protuguesa, bem mereceu essa consagração, aliás unanime, dos seus confrades do douto areopago. O escritor ilustre da «Pátria Portuguesa», o mestre dramaturgo da «Severa» e de «Rosas de todo o ano» e o poeta voluptuoso e ardente do «Nada» e dos Sonetos», é hoje um nome glorioso que se projecta além fronteiras, como um dos mais luminosos simbolos da cultura e do pensamento nacionais. A tantos títulos legitimos que ele tem conquistado. junta-se mais este, que tanto o honra, honrando também a nobilissima instituição fundada pelo duque de Lafões.

O PRETO NO BRANCO

O COMETA

A descoberta deste novo astro inquieta-me. E' enorme, está próximo do Sol, e dizem os astrónomos que o seu diametro é vinte e sete vezes maior que o do astro que preside ao nosso sistema planetário. E' o que se pode chamar, sem favor, um diametro! Mas isso seria o menos. A estrela Capela é quarenta e duas vezes maior que o Sol, disseram-me isso um dia e eu nunca mais pensei no caso. O que há de inquietante no novo cometa não é o nucleo—é o rabo. Nunca de memória de astrónomo, se viu um rabo assim! E não é só a extensão, o comprimento. Nesse capitulo os cometas gozam de inteira liberdade de ter o rabo do tamanho que quiserem. Entre os astros esses exageros não se tornam reparados. Mas é que o novo cometa «dá ao rabo» e isso é extraordinário e escandaloso! Essa prerogativa, até hoje, tem pertencido aos bichos—os cavalos, os gatos, os cães e certos outros animais que seria inutil identificar e que o fazem por ginástica ou por luxo. Mas até agora, os outros cometas conhecidos têm a cauda quieta, não varrem com ela as planicies do ceu, não procuram exteriorizar diante das prescrutadoras lunetas dos astrónomos, os seus estados de espirito. E digo isto porque, á semelhança do que se passa com os bichos, os movimentos caudais devem exteriorizar o que os astros sentem. Um cão faz festas ao dono agitando a cauda. Um gato, ao contrário, denota irritação. Um cavalo andaluz e outros animais, fazem-no por vaidade ou «coquetismo».

Mas o acto deste cometa é enigmático e inquietante. Porque fará ele isso? A cupula dos observatórios é movel para mais facilmente, suponho eu, seguir o movimento dos astros. Recordo-me até que tive a honra de conhecer um astronomo celebre, casado com uma simpatica senhora, por sinal bastante nutrida. Ora, uma vez, o astronomo e sua esposa, contaram das suas digressões pela Europa, da sua estadia em observatórios celebres em que o sábio observava os astros e fazia cálculos transcendentes. E eu indaguei, por amabilidade, da esposa do sábio, o que é que ela fazia, acompanhando sempre como acompanhava seu marido nas digressões cientificas, emquanto ele espreitava os astros e fazia os cálculos. E a bondosa senhora, que vivia na justificada admiração pelo sábio e pelos seus trabalhos, informou-me com um simpático sorriso em que se exteriorizava toda a doçura do enlevo conjugal pelo génio cientifico do seu companheiro:

—Enquanto meu marido observa eu ajudo-o, dando á cupula.

A principio não percebi. Depois é que me explicaram que era a cupula movel do observatório que a senhora ia pondo na posição conveniente ás exigências do observador, manejando alavancas e rodas.

Ora diante do cometa que acaba de ser descoberto, presumo eu que os movimentos da cupula deverão acompanhar os movimentos da cauda do astro e figuro-me qual seria, na hipotese, o trabalho fatigante de quem esti-

RAMADA CURTO

(Continua na 7.ª pag)

O que caracteriza
o homem de génio

«Demonstra Lombroso, com grande copia de dados, a enorme frequencia de herança mental patologica nas familias dos homens geniais, e admite nestes ultimos inumeros estigmas degenerativos e anomalias na sua organica somatopsiquica. Demonstra que os caracteres de precocidade, intenção e super dotação intelectual proprios do genio se associam tanto com anomalias de caracter como com signais verdadeiros de psicose.

Nos homens geniais observa-se com muita frequencia não só transtornos denominados psicopaticos e neurosicos mas também verdadeiras enfermidales psiquicas, principalmente, a esquizofrenia e a psicose maniaco-depressiva. Ao lado das enfermidades psiquicas são frequentes nos genios aquelas enfermidades somaticas mais influênciadas pelo sistema nervoso, como a enterocolite mucomembranosa, perversões sexuais, enxaquecas, etc. Infere Lombroso que tal frequencia de estigmas de degenerescencia psiquica nos genios são mais que uma mera coincidência; representam as presumiveis relações entre o genio e a loucura».

(Do dr. Vallejo Naguera, no artigo «Genio e Loucura até á Sepultura», publicado em «El Espanol»).

UMA REVELAÇÃO LITERÀRIA

«UM FILHO MAIS»

por MANUELA PORTO

Manuela Porto, um nome de ritmo musical, que parece arder num rutilo clarão de emoção, deu-nos agora o seu primeiro livro. Alguma coisa de profundamente belo e triste, sensivel e delicado, nasceu com esta obra na literatura portuguesa. Faltava esta confissão de uma mulher que sabe beijar as almas torturadas, descobrindo nos pequenos ou grandes dramas da existência os ocultos estigmas psicologicos dos nossos actos. Não imita ninguem, não colecciona sensações, não falseia, literariamente.

Apenas ela, gracil e fugitiva, que nos contactos mais subtis da vida, na história de uma lágrima, num desacordo intimo, mergulha a sua sensibilidade admirável, arrancando estranhas harmonias de dôr e de sofrimento. Este seu livro «Um filho mais», é uma serie de contos, não estruturados sobre casos de especulação fácil e de artificio evidente. O seu segredo literario, perturbante e apaixonado, é o de fazer falar as almas. E' na meia sombra das consciencias, nos crepusculos espirituais, na amargura da vida que pode passar, na rua, sorrindo, que Manuela Porto evidencia os seus temas, com uma comoção tão penetrante que nós, insensivelmente, pensamos no divino Amiel, embora este nunca tivesse escrito uma página de novela.

Eis uma escritora, talvez, a primeira em Portugal, cuja obra devia ser integrada. na literatura universal. E' um caso diferente de Grace Carlisle, mas do mesmo tipo intelectual, afinado ainda por uma sensibilidade inquieta, que se arrepia aos mais pequenos choques, aos acordes mais subtis, exalando o seu aroma, como um pálido botão de outono, que não chegasse a desabrochar.

E' essa timidez intima, esse receio angustiante, esse pudor estremecente que a faz apaixonar de todos os que choram e não se sabem revelar. Ninguem até hoje nos deu mais, integralmente, o sentimento feminino. O seu conto «Maria» é uma pequena obra-prima. Ela diz-nos como sofreu e como se evadiu do mundo a mulher humilhada. Não ha palavras, quase não há estilo, de tal maneira aquele coração é desnudado! E que dizer daquela rapariguinha que se debruça, tragicamente, sobre a ponte, envolta no nevoeiro da morte?

Para Manuela Porto escrever é um acto de piedade e de ternura. Nas páginas deste livro há retalhos sangrentos da sua epiderme, Todas as abandonadas, todas as vencidas encontram ali, em gritos abafados, o seu mundo intimo de sonhos e pesadelos. Somos assim, dirão. Manuela Porto não as ressuscitou. Acompanha-as na mesma senda misericordiosa, levando a iluminar o caminho um coração que sangra, amarfanhando-o ainda mais, generosamente, não vão perder-se na lobrega jornada.

OS NOSSOS CONTOS

O mesmo fim, novo rumo...

por ***Maria de São Luiz***

Diton era orgulhosa, feliz e muito senhora do seu narizito—por sinal um narizito bem engraçado...

Tinha os olhos de um azul escuro invulgar e os cabelos loiro cendrado e sedosos.

Habituada a vencer todas as dificuldades, não podia compreender como o Destino que sempre lhe fôra agrada vel, a castigara com tamanha crueldade—a dôr profunda da sua primeira decepção de amor.

Tornou-se ceptica, desconfiada e o mundo parecia-lhe indiferente.

Professaria—pensou.

A mãe, angustiada, pela dôr que a filha sofrera e pela sua repentina resolução de professar, chorava e implorava a Deus que não aceitasse a oferta que a sua unica e querida filha, lhe fazia da sua mocidade.

Era viuva e os seus dois filhos haviam-lhe morrido ainda crianças. Se a filha professasse que lhe restaria? Como realizar o sonho que sempre tivera de sentar nos seus joelhos trémulos, os netos que lhe chamariam, ternamente, avó?

—Deus misericordioso, chorava—tem pena de mim! Não permitas que a minha filha me deixe só!

Diton, apesar de ter sido educada amimada, satisfazendo todos os seus caprichos, não deixara endurecer o coração. As preces da mãe, as suas lágrimas, encontravam éco no seu coração maguado.

(Continua na 7.ª pag)

«VIDAS TRÁGICAS»

Na apreciação de «Vidas Trágicas», uma gralha lamentavel transtornou o nome do seu autor, o distinto romancista Alvaro Valente.

Galeria do Amador

«Mulheres da Nazaré», da distinta pintora Selma G. Marschall, quadro que, brevemente, será exposto na Sociedade de Belas Artes

1 Na colecção de clássicos Sá da Costa, a destacar pelo seu objectivo cultural, começou a publicação das «Obras Completas», de Luís de Camões. Está publicado o I volume, com redondilhas e sonetos, prefácio e notas do prof. Hernani Cidade.

2 «Aventuras de um Guerreiro Mongol» (A Bandeira Azul), de David Leon Cahun. E' um romance histórico, no qual se nos revela a Asia portentosa. Tradução, prefácio e notas de José Pedro Machado.

3 «Virtudes e Maleficios da Imprensa», por Joaquim Salgado. O autor no prefácio apresenta um «escorço histórico sobre a origem, evolução e ética do jornalismo».

ROMANCE, POESIA E ENSAIO

CRÍTICA LITERÁRIA

IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS

por João Pedro de Andrade

Um livro de contos, por FERNANDO PESSOA

A Editorial Confluência, que já nos dera, na sua secção *Antologia,* a primeira recolha em livro de vários poemas dispersos de Fernando Pessoa, publicou agora, julgo também que pela primeira vez no nosso mercado editorial, uma colecção de *Cartas* do mesmo grande poeta. São elas dirigidas a Armando Côrtes-Rodrigues, seu companheiro de pugnas literárias e um dos colaboradores do *Orpheu.*

Se é sempre meritório publicar-se a correspondência dos grandes homens desaparecidos, esse mérito redobra quando acontece ser o epistológrafo uma daquelas raras figuras em vida mal conhecidas, que aliam ao talento ou ao génio uma espécie de modéstia, voluntária ou não, que furta aos olhares de estranhos—mesmo quando são, ou se lhes chama, amigos—as particularidades da alma.

Dá-se o caso que, em Fernando Pessoa, tal esquivez transparece mesmo das singularidades da sua obra—ou principalmente delas—e toma aspectos quasi inextricaveis se compararmos os dados que, apesar de tudo, lá se encontram com aqueles que, meio a sério meio a brincar (ou não sei como chamar a certa tendência explicativa de alguns periodos de cartas suas) forneceu sobre a sua própria personalidade.

De qualquer modo o aparecimento dum volume de cartas de tão alto poeta, no momento em que se procede ainda á publicação da sua obra, já de certo com grande audiência entre o publico, mas pouco propícia a uma imediata compreensão, tal aparecimento representa, da parte de quem o promove, um serviço prestado á cultura portuguesa do nosso tempo.

As cartas de escritores, quando sinceras, isto é, quando não escritas com mira ao interesse da posteridade, são documentos em que só entra a literatura na medida em que cada um transmite aquilo que há em si de involuntária, de medularmente literário. Quer dizer: o que na prosa artistica ou de ficção é longamente trabalhado e pulido, deve aparecer espontaneamente, embora em relampagos, nas cartas em que o escritor melhor se revela. Estas não são decerto as epístolas em estilo cuidado, com todos os elementos gramaticais e lógicos no seu lugar, e o brilho literário, reconstituido dos livros para publico, cuidadosamente trasladado para as epistolas que já antevêem a consagração em letra de fôrma. Tudo o que no escritor há de expressionalmente instintivo e lhe forma as maneiras de dizer, singularidades sintácticas e outras que, devidamente projectadas no consciente, são depois apuradas e tratadas até darem o estilo, tudo lá aparece na sua forma primeira e virginal, com apenas o arranjo exterior indispensável a uma prosa para, como qualquer pesssoa, se não deixar ver completamente nua.

Esse é o caso das cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues. Não se destinavam á publicidade, e isso dá-lhes um profundo interesse literário. E' claro que elas só interessam por vir de quem vêm, isto é, dum grande poeta português. Quer dizer: aquilo que elas exprimem e significam do homem, só vale porque esse homem se revelou primeiro susceptivel de interessar profundamente os seus contemporaneos.

Cá estão, nestas cartas, convertidas em modos de expressão habituais, portanto sinceros, estas maneiras de dizer originais que dão ás poesias de Fernando Pessoa inconfundivel timbre. A originalidade estava no amago do seu ser, e revelava-se quer num poema quer numa despretensiosa carta a um amigo. Mas as cartas valem sobretudo por aquilo em que vêm adensar—porque lhe acrescentam elementos sem o resolver—o problema da sinceridade de Fernando Pessoa.

Joel Serrão, numa introdução lucida ao livro, ataca de frente a questão, decidindo-se pela sinceridade do poeta. O problema dos heterónimos só é problema porque se confunde com aquele, e no fundo não fazem ambos mais do que um. De resto, na criação dos heterónimos e nos vários tons com que se referia a êles, Fernando Pessoa não foi mais confuso do que noutros aspectos da sua personalidade. Joel Serrão sabe que a questão não é simples, e dando a sua opinião não pretendeu, segundo suponho, resolver de vez o assunto. Ele sabe também que, com referência a Fernando Pessoa, «a apologia subjuga a visão crítica» e que «feita sobejamente aquela urge iniciar esta ultima».

Numa carta em que Pessoa se refere a «um periodo de crise» e em preocupações de disciplina respeitantes á sua vida e á sua obra, diz, a certa altura: «Creio que estou sendo sincero. Tenho pelo menos aquele amargo de espirito que é trazido pela prática anti-social da sinceridade. Sim, eu devo estar a ser sincero». E logo a seguir: «Tenho vivido tanto e tão cansado tempo comigo que estou sempre de pé atrás para com o que sinto e penso»; «...levo horas intelectuais a intrujar-me a mim próprio».

Descontando o que aqui haja de exagero, julgo ser isto a confissão plena e *sincera* duma natureza que se sente rica e portanto contraditoria, e o rebate duma inteligência que conhece todos os alçapões da sensibilidade e as suas próprias razões para se iludir e despistar. Ora Fernando Pessoa, escrevendo sem qualquer sombra de disfarce ou *pose* literária: «Tenho vivido tanto e tão cansado tempo comigo...», confessava desde logo uma dissociação de personalidade mais nítidamente do que criando os diversos pseudónimos. Estes são invenções de ordem literária—embora com raíz na humanidade do poeta—; aquelas palavras são o desabafo dirigido a um amigo com tal preocupação de ser sincero, que chega a pô-lo em gurada contra os possiveis desvios de sensibilidade e inteligência de que êle próprio tem sido ao mesmo tempo autor e vítima. Não há, pois, aqui que duvidar da sinceridade de F. Pessoa, e o ele próprio duvidar e fazer partícipe dessa duvida o amigo a quem se dirige, honra-o sobremaneira.

Mas o princípio do *duplo,* o Outro (que Fernando Pessoa nunca, que eu saiba, aproveitou desta forma na sua poesia, mas que Mário de Sá-Carneiro, seu contemporaneo e amigo, explorou intensamente), fica a partir daqui adstrito á sua personalidade. Fernando Pessoa que foi, em poesia, Alvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis, foi, na vida, um homem que viveu e se sentiu viver; que criou, a par duma ciência da vida, uma espécie de cepticismo perante esta ciência, que o fazia estar «sempre de pé atrás» com o que esta lhe fazia apreender. Havia como um outro ser junto de si a auscultá-lo constantemente, e isso aborrecia-o e cansava-o. No entanto, tão intimas eram as duas partes desse todo, quer dizer, tão próximas andavam a negação e a afirmação, que o poeta, falando do fenómeno num momento de excepcional auto-penetração, isento de toda a rétórica e de qualquer efeito literário, não empregou senão os termos mais vulgares, e que só singulariza o facto de serem todos referidos á primeira pessoa e ocuparem os lugares que normalmente atribuimos a duas: «*Tenho* vivido tanto e tão cansado tempo *comigo* que *estou* sempre de pé atrás para com o que *sinto* e *penso*».

Nesta mesma carta fala o poeta da sua vida como de um «estado anárquico», e numa das cartas seguintes, felicitando o amigo por ter ingressado na vida pacata da sua ilha, e sentir satisfação por isso, declara: «Não sei se no seu caso sentiria o mesmo. Eu nunca sei, neste ou naquele caso, o que sentiria. A's vezes nem mesmo sei o que sinto». Assim, á hiper-lucidez com que tantas vezes analiza as próprias sensações sucede esta confissão certamente correspondente, quanto ao ultimo periodo, a um estado de depressão passageiro.

Assente o princípio da sinceridade de Fernando Pessoa, não já na sua obra (parece-me, de resto, um problema quasi sem sentido esse da sinceridade da obra de um poeta vista através da veracidade dos casos evocados na sua poesia), mas em certos momentos afectivos, como os que testemunham repetidamente as cartas a Côrtes-Rodrigues, temos de aceitar como sinceras as suas afirmações quando, naquela mesma carta em que o poeta põe em duvida a própria sinceridade, afirma a sua preocupação de traçar «uma linha metódica e lógica» e a sua vontade de «disciplinar a sua vida, quando, mais tarde, afirmando uma «consciência cada vez maior da terrível e religiosa missão que todo o homem de génio recebe de Deus com o seu génio», considera «oco» e «repugnante» «tudo quanto é futilidade de literária e mera-arte» e afirma que o seu «próprio conceito puramente estético da arte subiu e dificultou-se», e despreza «a ambição grosseira de brilhar por brilhar, e essa outra, grosseirissima, e de um plebeismo artistico insuportável, de querer *épater*».

Ora o homem que, nessa importantissima carta de 19 de Janeiro de 1915, que ele considera «de género psicológico» e em que pretende desvendar «nitidamente e fraternalmente» o seu «caso», declara que em certas composições «a sua atitude para com o publico é a de um palhaço», hesita ainda em promover a aparição dum novo género literário a que chamava o Interseccionismo, de que são amostras elucidativas os poemas *Chuva Obliqua* (que vem na primeira parte do livro «Poesias») e que ele considerava quasi-blague, inclinando-se por fim para esse empreendimento por motivos... patrióticos. Precisamente um mês depois, numa carta alvoroçada e em estilo absolutamente comum, dava conta a Côrtes-Rodrigues do próximo aparecimento do *Orpheu* e pedindo colaboração, recomendava «Mande o mais interseccionista que tiver». As cartas seguintes referem-se, com o mesmo entusiasmo ao projecto da revista, logo transformado em realidade. Tem frases como estas: «Temos que *firmar* esta revista, porque ela é a ponte por onde a nossa Alma passa para o futuro». «*Somos o assunto do dia em Lisboa,* sem exagero lho digo. O escandalo é enorme. Somos apontados na rua, e toda a gente—mesmo extra-literária— fala no *Orpheu*». «Tantos e tais foram os artigos, que em três semanas o «Orpheu» se *esgotou—totalmente, completamente se esgotou*». Os sublinhados e os duplos sublinhados abundam nas cartas, a significarem uma excitação que as palavras simples não conseguiram exprimir.

Que se depreende de tudo isto? Que Fernando Pessoa, cuja carta de auto-biografia espiritual 19 de Janeiro de 1915) manifestava tanto desapego pelas vaidades terrenas (apesar da convicção implicita em palavras suas de ser homem de génio), que pretendia dar uma feição profundamente séria aos seus escritos daí por diante, que confessava com desgosto serem de palhaço atitudes patentes em algumas das suas composições, este mesmo Fernando Pessoa de propósitos tão graves regosijava-se, pouco depois, com o exito de escandalo duma revista que ajudara a fundar, e considerava «um triunfo absoluto» a abundancia de artigos de troça e incompreensão com que a mesma revista era saudada.

O observador superficial verá aqui uma irredutibilidade de atitude. Eu continuo a ver aquilo que já afirmei uma vez, o que fez vir á estacada, incoerentemente, um dos poetas irreverentes do tempo, muito aborrecido por eu não o ter citado: sinceridade no esforço para a criação duma literatura viva; insinceridade em muitos dos trabalhos com que concorreram (ele Fernando Pessoa e os outros componentes do grupo) para esse esforço.

Na verdade, o que há de aparentemente discordante em Fernando Pessoa explica-se pelas próprias razões do movimento, e também pelos seus objectivos «Ter uma acção sobre a humanidade,—escrevia ele na já citada carta—contribuir com todo o poder do meu esforço para a civilização vem-se-me tornando os graves e pesados fins da minha vida». Não enjeitando de todo o lançamento dum «Manifesto»—a ideia da revista não aparecera ainda—, entende-a como um excitante que possa «agir sobre o psiquismo nacional». Era, em todo o caso, preciso fazer surgir «novas correntes de ideias e emoções que nos arranquem á nossa estagnação». (Isto escrevia F. Pessoa meses depois de ter deflagrado a primeira grande guerra).

Fernando Pessoa conciliava, assim, a sua alta noção da literatura com a criação duma revista escandalosa, que fazia rir o publico e inspirava aos jornalistas conspicuos artigos tremebundos que por sua vez faziam rir os colaboradores da revista. Não era talvez esta dupla girandola de risos o objecto mais proximo das aspirações do poeta. E, em todo o caso, sempre ficava comprometida a tal gravidade e a tal seriedade que ele pouco antes dissera inseparável dos seus intuitos. O Interseccionismo mesmo, antes condenado, lá figurou no n.º 2 e derradeiro do *Orpheu,* através dos poemas *Chuva obliqua.*

Sinceridade blocal; insiceridade parcial: eis como se podem classificar as atitudes dos homens do *Orpheu,* com Fernando Pessoa, como o mais responsável, á frente de todos. A disparidade existente entre os intuitos deste e a sua acção posterior, isso é que só a ele pertence.

Mas não se pode atribuir a falta de sinceridade a falência dos projectos de edificação espiritual. A criação da revista iria deitar por terra tais projectos, mas já em Janeiro de 1915 F. Pessoa mantinha uma reserva—apesar do seu, no momento, sentido *monástico* da arte — quanto á possibilidade de acontecimentos identicos. Para empregar termos seus, o poeta *intrujava-se a si próprio* quando falava em «ideia patriótica», «erguer alto o nome português» e «noção-do-dever», a propósito do aparecimento de qualquer coisa que viria a ser a revista *Orpheu.*

Apesar da híper-lucidez que Fernando Pessoa demonstra em muitos dos seus escritos em prosa e verso, do profundo conhecimneto que tinha de si próprio e da espécie de bonomia irónica com que algumas vezes se refere a motivos da sua obra, ele era, como homem, susceptivel de flutuações de humor, de tomar resoluções supostas graves que depois abandonasse ou esquecesse e, mais do que muitos outros homens, devido á excepcional riqueza da sua personalidade, de se equivocar—com uma margem de voluntariedade—nas determinantes dos seus actos.

As cartas reunidas neste livro são de 1913 a 1916, com uma só datada de 1923, quer dizer, na sua maioria dos vinte e tantos anos do poeta, quando a sua personalidade estava longe de atingir o ponto mais alto do seu enriquecimento interior. Elas constituem, de facto, elementos notáveis para o estudo do poeta, mas os problemas que se lhe referem não ficam, por elas, resolvidos.

Nem nessas cartas nem em outras posteriores, já vindas a publico, devemos fiar-nos em absoluto nas informações de Fernando Pessoa a seu respeito. Ele é o homem que aos vinte e seis anos se confessava cansado de si próprio. E em tais circunstancias—ia dizer em tal companhia—era-lhe dificil prestar informações seguras sobre alguém que ele conhecia muito intimamente mas cuja duplice personalidade—com uma forte e subtil inteligencia pudesse ser tão hábilmente defendida como dividida por ambas—fazia que uma verdade uma mentira, e uma aparência tão habilmente sugerida que tomasse o lugar duma verdade. E' que dentro dele havia lugar para a sinceridade e a simulação, mas uma simulação que não excluia a verdade, porque ás vezes era um embelezamento dela, ou uma adopção de elementos que tornassem mais simples o que de si era complicado.

Daí a criação dos heterónimos. Durante certo tempo F. Pessoa quis esconder de alguém—que seria mais tarde o editor do *Orpheu*—a qualidade de seu heterónimo de Alberto Caeiro. Isto habilita-nos a supor que ele pensasse ocultar de todos, afora os mais intimos, o seu triplice desdobramento. De facto, só com o desconhecimento de todos os que não fossem ele a sua iniciativa teria significação completa. Representaria assim um acto de libertação plena, e Fernando Pessoa poderia assim, através dos nomes que lhe apetecesse, dar largas áquela faceta da sua personalidade que quisesse fazer-se ouvir, estabelecer mesmo dialogos em que poderiam chocar-se concepções diferentes, consoante as razões que mais alto falassem dentro do poeta. E' certo (ou julgo certo) que em cada uma das obras de Alvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis, não há nada que fundamentalmente negue a dos outros. Trata-se de atitudes cujas diferenças são mais estéticas que doutrinárias, e que só poderiam ser tomadas por quem tivesse a cultura, o talento e, é claro, as tendencias dispares de Fernando Pessoa. A despeito de certos encontros de expressão, se visionássemos, por exemplo, um Ricardo Reis poeta independente, poderiamos admitir um senhor grave que extravazasse o seu paganismo constitucional para as classicíssimas odes e que ao ler poemas de Alvaro de Campos ficaria a impar de indignação. Mas o próprio Fernando Pessoa não tem, na obra firmada com o seu nome, documentos do mais ousado desrespeito pelas leis e pela tradição literárias, a par de tantos e tão belos poemetos que juntam á originalidade expressional a estrita observancia das regras clássicas?

Entetanto, não me parece sofrer duvida que, inventando os heterónimos, Fernando Pessoa obedeceu a um imperativo interior do seu psiquismo—como ele diria—e criou assim uma fórmula ideal para falar livremente. Ele próprio se dizia um poeta dramático, mas, não dominando a técnica dramática—como o demonstra o seu «drama extático» *O Marinheiro* (que para não ser verdadeiramente drama lhe basta ser extático)—embora as «forças vivas em acção» dentro dele (a que se refere uma das cartas) pudessem encarnar diversas personagens de drama, preferiu encarnar em poetas imaginários, de caracteristicas diferentes, as principais correntes do seu pensamento poetico e das suas tendencias estéticas.

O processo, é claro, tinha seus perigos. Em natureza que tão dificilmente dominava as próprias fantasias, havia, pelo menos, o perigo de um dia vir a brincar com o que tinha uma origem séria. Isso deu-se, por exemplo, na *Athena,* em que se travou uma polémica entre Fernando Pessoa e Alvaro de Campos. E a sensação de liberdade encontrada na nomeação desses agentes da sua poesia fe-lo preconisar o processo aos amigos—como se os problemas dos outros tivessem a intensidade dos seus!

Paro aqui, sem mais considerações. Fernando Pessoa é um assunto apaixonante, e tão rica que dificilmente se pode pôr alguma ordem nos escritos apressados a seu respeito, como este. Não admira porque ele próprio, quando falou de si, não foi também modelo de clareza e de ordem.

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

UM MONUMENTO DA LITERATURA UNIVERSAL

CRISTINA LAVRANS DATTER

E' posto á venda esta semana o 3.º e ultimo volume desta obra-prima de SIGRID UNDSET

Sigrid Undset é uma das maiores romancistas do nosso tempo. As suas obras estão traduzidas e divulgadas por todos os cantos do mundo. Publico e crítica universais acompanham o labor literário desta mulher extraordinária com verdadeiro assombro e encantamento.

No nosso país, deve-se á Portugália Editora a revelação desta romancista genial, consagrada pelo Prémio Nobel. A obra que a Portugália escolheu para traduzir é, talvez precisamente, a mais bela e mais representativa do génio de Undset:—a trilogia *Cristina Lavransdatter,* o assombroso romance da Noruega medieval, cheio de emoção, de tragédia, de poesia, de paixão, de beleza,—de *génio,* enfim! *Cristina Lavransdatter* é, assim, dos romances mais extraordinários que já se traduziram para português: uma obra que ninguém com cultura literária tem o direito de desconhecer.

O romance compõe-se de 3 volumes: *A Coroa, A Esposa, A Cruz.* E' este ultimo que acaba de ser publicado.

Maria Franco, contista e desenhadora, traduziu magnificamente esta obra-prima do nosso século—de todos os seculos—, e fez, também as capas dos 3 volumes. No conjunto, um monumento literário apresentado com honestidade e bom gôsto.

Parabens á Portugália pelo belo serviço que nos prestou com a publicação desta obra imorredoira.

Auto-Club Médico Português

Realizando-se na próxima sexta-feira, dia 22 do corrente, pelas 22 horas, a posse dos Corpos-Gerentes eleitos na Assembleia Geral do ultimo dia 15, convidam-se todos os sócios a honrar com a sua presença o referido acto.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
Prof. *Diôgo Furtado*

ECOS

Na abertura do Consistorio, para a nomeação de 32 cardeais, Sua Santidade frisou que a Igreja é uma presença universal, visto que o resgate, operado pelo sangue de Cristo, abrange toda a humanidade. Ninguem mais autorisadamente podia fazer a proclamação desta verdade.

Cristo está com todos os que o buscam, seja qual seja o lugar que ocupem, na superficie da terra. Não há interesse humano que o prenda nem despotismo que o sujeite.

Quando alguem se apresentar, em nome dum partido, dum odio ou duma facção, para se dar como seu interprete ou mensageiro, profana e mente.

■

O ultimo livro de Urbano Rodrigues ocupa-se da «A vida romanesca de Teixeira Gomes». Recorda o seu largo convivio, a sua amizade e a sua admiração por um homem em quem os dons do espirito eram preciosos e abundantes. Publica também algumas das muitas cartas que dele recebeu.

O livro que é duma animação ininterrupta, cheio de episodios e de finas anecdotas, pitoresco, gracioso e tentador, mostra-nos a personalidade de Teixeira Gomes nos seus variados aspectos e na multiplicidade prodigiosa da sua verve.

Escritor, artista de raça, diplomata, politico, coleccionador e cavaqueador de grande brilho, nunca fatigava os seus amigos nem os seus admiradores. Havia sempre nele uma novidade e uma atracção. Detestava, acima de tudo, a solenidade em que se precipitam os que, sob o pretexto de serem serios e dogmaticos, se rodeiam duma aureola, por desconhecerem que um dos sinais do talento é a naturalidade e a simplicidade.

Urbano Rodrigues, que observou Teixeira Gomes, tanto nas horas graves como nas alegres e risonhas, apresenta-nos um soberbo retrato em corpo inteiro, sem lhe alterar uma ficção ou um movimento, limitando-se a traduzir o que era vida—na linguagem clara e luminosa que constitui um segredo da sua pena.

■

O governo brasileiro escolheu para embaixador em Portugal o sr. Henrique Dosdwórth, até há pouco prefeito do Rio de Janeiro. A escolha deve ter obedecido a duplo motivo—atribuir um alto posto diplomatico a um homem de superior competencia e premiar nele a sua indiscutivel afeição ao nosso país.

Antigamente, quando se falava das relações luso-brasileiras, usava-se uma palavra pretensiosa—intercambio. Acabou o tempo do intercambio e inaugurou-se uma outra mais sincera e compreensiva—amizade. Quando portugueses e brasileiros se conhecem directamente, logo se estimam e logo se entendem, como acontece nas familias irmãs.

■

Escreve-nos «Um pai aborrecido» que se queixa amargamente duma filha—a unica que tem—cujas singularidades a levam a sonhar constantemente com Hollywood e os louros que lá se conquistam.

—Em minha casa, houve sempre juizo e uma modestia exemplar. Quis dar á minha filha unica uma educação mais cuidada do que a das suas avós. O resultado não foi brilhante, porque ela, a partir dos quinze anos, deixou de pensar na casa e nos seus candidos deveres e ocupações para se entregar á loucura do cinema e principalmente ao desejo de tomar parte num filme, como vedeta. Praticamente, não faz nada que se aproveite. Sonha com Hollywood e a vida prodigiosa das triunfadoras. Que hei de eu fazer para que ela sossegue e siga o destino das mulheres obscuras e felizes da nossa terra?

As raparigas de hoje—nem todas, bem entendido—tendem a sair da sua condição, lançando-se na aventura. Hollywood representa o maravilhoso, o máximo duma carreira vertiginosa.

Como desviá-las do rumo apetecido?

Não há receita infalivel, mas o melhor, segundo um medico nosso amigo, é deixar sonhar, sonhar, sonhar, até que venha o momento em que os sonhos caiam... de maduros.

De resto, o facto de qualquer rapariga demandar horizontes mais vastos que os do seu berço, nada significa de perigoso, pois pode até servir para a libertar das mornas contaminações do romance-folhetim.

A reunião do Consistório

(Continuação da 1.ª pag.)

Hoje, quando tomava o seu automovel á porta do Palácio da Chancelaria, foi D. Clemente abordado por uma pessoa de distinção, que o novo cardeal imediatamente reconheceu. Tratava-se do dr. Mário Mondadorio, que há anos assistiu á gravissima enfermidade do então reitor do Colégio; D. Clemente abraçou-o, deu-lhe o braço e convidou-o a jantar em San Spirito.

D. Manuel Cerejeira, cardeal patriarca de Lisboa, e D. Clemente Gouveia, tem-se encontrado várias vezes, numa grande cordealidade portuguesa, mas, como se compreende, os antigos cardeais, que tomaram parte no consistório secreto de segunda-feira, estão presentemente menos em foco.

ENZO BOLASCO

O cardeal Gouveia recebido pelos antigos cardeais

ROMA, 20.—No Palácio da Chancelaria, na Piazza della Cancellaria, D. Clemente Gouveia foi recebido pelos cardeais do Sacro Colégio que tomaram parte no Consistório Secreto. Os embaixadores acreditados no Vaticano, entre eles o dr. Carneiro Pacheco—que ainda está a exercer as suas funções enquanto não chega o sr. conde Tovar, novo embaixador—acompanhados de seus secretários, visitaram um por um todos os novos cardeais.

Diplomatas e cardeais ex-inimigos

Este acto protocolar tem, desta vez, uma nova significação, e representa a universalidade da Igreja e equivale a uma verdadeira fraternidade pela paz entre os homens. Com efeito os representantes diplomáticos ex-inimigos ainda há poucos meses visitaram em homenagem os novos cardeais e as saudações foram expressivas e sem a minima reserva. O cardeal Tedeschini, nomeado camerlengo, trocou efusivos abragos com os cardeais ingleses e americanos.

A cidade está animadissima, pela grandiosidade do acontecimento, que transcende da vulgaridade dos consistórios neste século, depois de um periodo bélico e agitado, que ainda se mantem de certo modo, depois da guerra acabada.

A popularidade dos americanos

As centenas de jornalistas, fotografos, operadores cinematográficos não perdem um quadro oficial ou uma cena da rua. Os cardeais americanos, sobretudo, andam por vezes a pé, seguidos de multidão. Os automoveis, em numero de mais de uma centena, postos á disposição dos cardeais novos e antigos, e de seus séquitos, não chegaram, e tiveram de ser cedidos muitos automoveis pela U. N. R. R. A.

O Consistório de hoje

No Consistório de hoje, os novos cardeais recebem o barrete e as zuquetas. No consistório de amanhã o Pontifice imporá, um por um, a todos os purpurados novos o chapeu cardinalicio, cujo tipo foi usado pela primeira vez pelo cardeal espanhol Merry Del Vale, secretário de Estado de Pio X, em 1903.

Por coincidência, foram emitidos agora os novos selos do quarto centenário do Concilio de Trento. Aos cardeais e corpo diplomático vão ser distribuidas medalhas comemorativas.

Quais são os quatro futuros santos a canonizar

ROMA, 20.—No Consistório Secreto de segunda-feira o cardeal Salotti, prefeito da Congregação dos Ritos, expôs as informações acerca dos processos de canonização de quatro figuras da igreja já beatificadas. E essas são: A beata Javiera Catrini, italiana, de nascimento, do Instituto do Sagrado Coração em Chicago, e que viveu quase toda a vida nos Estados Unidos; a beata Isabel Des Anges, francesa, da Ordem das Servas de Santo André; o beato João de Brito, martir português da India (século XVII) e o beato Bernardino Realino, jesuita italiano.

A idade dos cardeais

Dos novos cardeais o mais idoso é o cardeal norte-americano Glennou, de San Luis de Missuri, que conta nada menos de 83 anos. O mais jovem é o cardeal inglês, arcebispo de Westminster, Bernard Griffin, que tem 46 anos. Os cardeais da Austrália e do Canadá ainda não têm 50 anos.

Dos 32 cardeais novos, e ao contrário do que sempre tem sucedido, só um pertence a uma ordem religiosa, e esse é precisamente o chinês, da Congregação do Verbo Divino, Padre Tomás Tien.

A lista exacta dos 32 novos cardeais que hoje receberam o chapéu

Tem-se escrito que os novos cardeais são em numero de 32, mas os seus nomes, com excepção feita aos de quatro ou cinco países, não aparecem citados. Uma lista publicada no fim de Dezembro era incompleta, e, em parte, errada. O «Diário de Lisboa» pode inserir hoje os nomes que compõem o grupo novo do Colégio Cardinalicio, eminências purpuradas que esta manhã receberam das mãos de Pio XII o chapeu de cardeal, cerimónia de tradição secular, e que corresponde á confirmação.

Itália *(que fica com 27 cardeais)—Benedetto Masella, arc. titular de Cesavea, nuncio no Rio de Janeiro, Clemente Micara, arc. titular de Apamea, nuncio em Bruxelas, Giuseppe Bruno, secretário de congregação, Ernesto Ruffini, arc. de Palermo;*

França *(que fica com 7)—Jules Saliege, arc. de Toulouse, Emile Roques, arc. de Rennes, Pierre Gulleville, arc. de Rouen;*

Espanha *(que fica com 4)—Enrique Plan y Deniel, arc. primaz de Toledo, Manuel Arce y Ochotorena, arc. de Tarragona, Agostinho Parrodo y Garcia, arcebispo de Granada;*

Portugal *(que fica com 2)—Teodosio Clemente Gouveia, arcebispo de Lourenço Marques.*

Alemanha *(que fica com 4)—Joseph Frings, arc. de Colónia, Conrad von Preysing, arc. de Berlim, Clement von Galeu, bispo de Munster;*

Inglaterra *(que fica com 2)—Bernard Griffin, arc. de Westminster;*

Polónia *(que fica com 2)—Adam Sopieha, arc. de Carcóvia;*

Hungria—*Joseph Mindszenty, arc. de Esztrgom;*

Holanda—*John de Yong, arc. de Utrecht;*

Estados Unidos (que fica com 5)—Francis *Spellman, arc. de Nova York, Samwel Stritch, arc. de Chicagó, Edword Mooney, arc. de Detrit, J. Glennou, arc. de Saint Louis;*

Brasil *(que presentemente não tinha nenhum)—Carlos de Vasconcelos Mota, arc. de S. Paulo, Jaime da Camara, arc. do Rio de Janeiro;*

Canadá—*James Mac-Guigau, arc. de Toronto;*

Argentina *(que fica com 2)—António Caggiano, arc. de Rosário;*

Peru—*Juan Guevara, arc. de Lima;*

Chile—*José Caro Rodriguez, arc. de Santiago;*

Cuba—*Manuel Arteaga, arc. de San Cristovão;*

Austrália—*Norman Gilroy, arc. de Sydney;*

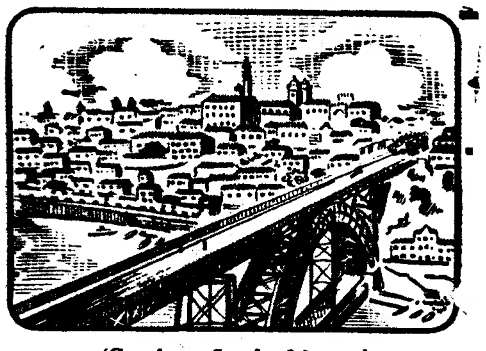
China—*Tomaz Tien, vigário apostólico de Tsing-Tao;*

Síria—*Gregório Aggianian, patriarca da Cilicia, na Arménia.*

Alguns destes cardeais, como os americanos Spellman, Mooney, e os italianos Bruno e Ruffini, já estavam indicados desde 1939.

IMPERIUM SALÃO DE CHÁ
LANCHES·BANQUETES·ALMOÇOS·JANTARES
Rua S. Justa 105 - T. 27527

AMANHÃ
"SELECÇÕES" DE NOVEMBRO
DISTRIBUIDAS PELAS
LIVRARIA BERTRAND-LISBOA
LIVRARIA INTERNACIONAL, L.da-PORTO
3$50
Aceitamos agentes em todas as localidades do País



(Continuação da 1.ª pag.)

honrosas atribuições de governador civil do distrito do Porto.

Meus senhores: Pouco mais de um ano decorreu após o dia em que, nesta mesma sala, transbordante de entusiasmo e de ardente fé nacionalista, eu empossei, no cargo de governador civil do distrito, o coronel Anibal Bessa—português de lei, militar de alto valor profissional, servidor dotado da maior lealdade, inteligência e saber. Da sua inexcedivel dedicação e probidade muito haveria a esperar, mas a fatalidade do destino caprichou em que fosse curto o notável exercicio da sua patriótica actividade.

Ao voltar aqui, na mesma sincera intenção de entregar a suprema magistratura administrativa do distrito a um português dotado das qualidades de que o Porto é merecedor, eu não posso deixar de recordar, com sentida emoção, o desaparecimento do amigo, do camarada, do colaborador exemplar—do portuense pelo coração, pelo sentimento pela inexcedivel generosidade do seu fino e excelso caracter.

Seria igualmente injusto se esquecesse, e publicamente não manifestasse, o apreço devido ao sr. governador civil substituto, dr. Mário de Almeida, pela forma sensata, inteligente e digna como—no impedimento do governador civil efectivo e nas horas agitadas que o Porto viveu—soube acompanhar os acontecimentos com a serenidade aconselhável, não obstante o seu precário estado de saude.

Sr. governador civil: O conhecimento que v. ex.ª tem da minha maneira de ser, forma de pensar e de agir, a par das declarações várias vezes produzidas em outros actos desta natureza, dispensa-me, com manifesto beneficio das pessoas amigas aqui presentes, que me alongue em considerações.

Está v. ex.ª integrado no pensamento do Governo e dispõe das qualidades de bom senso, energia, caracter e inteligência adequadas ao desempenho do alto cargo para que foi nomeado.

Como militar, acima de quaisquer conveniências partidárias, coloca v. ex.ª, e muito bem, os superiores interesses de Portugal.

E assim deve ser. Para os militares a unidade da frente interna tem um alto e particular interesse relativamente ás superiores conveniências da defesa nacional.

Os individuos com coração e alma de soldado, apreciam com mais profundo desgosto as dissenções internas, vêem-nas por prisma diferente, sentem-nas com outra amargura, e, uma vez curadas, esquecem-nas com maior facilidade e mais intima satisfação.

Sr. governador civil: Os esforços que v. ex.ª despender para chamar ao convencimento e á razão os que dela andam afastados, serão coroados do melhor exito, estou certo disso, se v. ex.ª nunca duvidar do patriotismo e da extraordinária dedicação do bom povo portuense.

A dura experiência observada na maioria dos países convulsionados pelo port-guerra, cada vez mais aconselha os portugueses a conservarem a unidade nacional que os tem defendido da ruina provocada nos povos pela fragmentação partidária.

O panorama politico, social e económico do mundo, a extrema acuidade atingida pelo problema alimentar, cuja gravidade os mais categorizados estadistas do mundo não escondem, enchem de sombras os horizontes da vida internacional.

Quando comparamos as nossas remediáveis dificuldades e passageiras atribulações, a tranquila honestidade da consciência politica nacional nas suas relações externas, a paz dos nossos lares intactos, a integridade dos nossos prósperos territórios, com as devastações morais e materiais que atormentam tantos povos dignos de igual sorte, sentimos, os que o podem sentir, quando vale a pena *poder morrer-se com aquela mesma inabalável e nobilitante certeza de bem ter servido a Pátria, com que tombou há dias nesta cidade o grande capitão Romero, heroi e martir da causa nacional.*

Meus senhores: Em consequência dos maus anos agricolas decorridos e de outras causas de que não somos responsáveis, as perspectivas económicas dos meses que se aproximam exijem de todos a maior compreensão e a mais esforçada diligência a fim de que outros males não agravem os problemas a resolver.

Aguardamos todos com disciplina, patriotismo e resignação o regresso ás naturais condições de equilibrio e normalidade da vida económica nacional, que melhores dias surgirão, desanuviando o ambiente social das dificuldades presentes.

O Governo de Salazar não se poupa a esforços para assegurar a paz publica, valorizar a economia e melhorar o nivel de vida das classes média e trabalhadora como as recentes medidas legislativas apresentadas á Assembleia Nacional evidenciam.

No campo da assistência, a reorganização dos respectivos serviços, a reforma hospitalar e a instituição do «Socorro Social» espalham, com generosidade e em ritmo crescente, os maiores beneficios pelos verdadeiros necessitados.

Espero, especialmente, sr. governador civil,

O PÔRTO PELO TELEFONE

dever á grandeza de animo e sensibilidade do seu coração um notável incremento na campanha em curso de forma que ela seja o mais eficaz instrumento da melhor solidariedade nacional, como é nossa comum e veemente aspiração.

Resta-me, sr. governador civil, agradecer-lhe, em nome do Governo, a pronta e decidida colaboração que v. ex.ª nos prometeu, assegurando-lhe que o acompanharei no pensamento e na acção, com a mesma fé e diligência com que procuro servir, em todos os actos da vida, o interesse nacional.

Dispõe v. ex.ª neste distrito do competente e necessário apoio da União Nacional, superiormente orientada, da patriótica Legião Portuguesa, da sólida camaradagem dos seus irmãos de armas, da desinteressada contribuição de numerosas dedicações tantas vezes postas á prova e, sobretudo, de uma grande e generosa alma popular que não regateia auxilio nem nega justiça a que, como v. ex.ª, sabe conduzir-se com igual nobreza e galhardia nos periodos calmos e nas horas dificeis.

E nesta certeza lhe entrego o governo civil do Porto com os votos sinceros das maiores felicidades no exercicio do seu honroso cargo».

Fala o governador civil substituto

Falou depois o sr. dr. Mário de Almeida, que se referiu em breves palavras á sua actividade e orientação seguida durante o periodo em que, como governador civil substituto em exercicio, orientou a politica do distrito, e á excelente cooperação que lhe foi dada pelo presidente da comissão distrital da União Nacional, dr. Antunes Guimarães. Salientou mais adiante a Obra do Socorro Social e os inumeros beneficios concedidos por sugestão do saudoso coronel dr. Anibal Bessa, entre os quais avulta a organização de colaboração com a Obra das Mães pela Educação Nacional, e a Obra Social da Legião Portuguesa, das cantinas escolares, das quais beneficiam diariamente 6.844 crianças, e com o que se despende mensalmente, a quantia de 137 contos. Dirigindo-se ao sr. ministro do Interior: «Actualmente, por determinação e inspiração de V. Ex.ª está-se a realizar nesta cidade o resgate de penhores, do qual beneficiam cerca de dez mil familias, sendo de meu dever afirmar aqui que este beneficio vai custar ao Socorro Social uma importancia superior áquela com que a cidade contribuiu para esta obra até ao presente. Junte-se a tudo isto a sopa distribuida aos pobres da Junta de Freguesia, os subsidios para renda de casa, a distribuição de enxergas, roupas e medicamentos, e avaliar-se-á da grandiosidade da obra em curso pela qual V. Ex.ª bem merece a gratidão de todos». O sr. dr. Mário de Almeida terminou por apresentar cumprimentos de boas vindas e felicitações ao novo chefe do distrito.

O sr. dr. Antunes Guimarães saudou depois o novo governador civil e recordou a sua vinda ao Porto, em Fevereiro de 1927 para restabelecer a ordem, e terminou oferecendo-lhe o seu apoio e o dos organismos que representa. O sr. dr. Mendes do Amaral saudou também o novo chefe do distrito em nome da União Nacional.

O discurso do chefe do distrito

O sr. coronel Joviano Lopes começou por saudar os srs. ministros do Interior e da Guerra e por agradecer o acolhimento de todas as outras entidades presentes, dizendo:

—Declaro que farei o possivel para que ele perdure, tanto mais quanto sei tambem quanto é firme o caracter dos bons portuenses. Espero, assim, a ajuda de todos, na certeza de que seremos bons companheiros de trabalho. Vão ainda as minhas saudações para todos os do Douro, os que labutam no mar e na terra metropolitana e os que no Ultramar afirmam o crédito já tradicional das excelsas qualidades que os distinguem, entre todos os outros, como elementos preciosos de colonização ou de actividade económica. Junto nestas saudações todo o meu orgulho de português e toda a minha alegria de patriota, porque senti e vi, ou nas terras longinquas do Império, ou nas do outro lado do Atlantico, o alto apreço em que são tidos o trabalho e a conduta exemplares dos filhos desta região: são eles, com tantos outros, que criam em nós, os que temos a ventura de percorrer essas terras queridas o culto pela gente portuguesa. E' este culto que me leva a dar mais decidida colaboração aos elementos que aqui são trabalhadores, activos e persistentes, ordeiros e bons; não tenho outro fim, devo esclarecer, senão o de contribuir com o meu pequeno esforço para o maior progresso das actividades locais e sempre no sentido da maior valorização da economia nacional. Se conseguir tal objectivo, terei cumprido a minha maior aspiração. Apresento-me, pois, como um trabalhador mais que vem juntar-se á grande massa dos trabalhadores do Norte.

Focou alguns dos aspectos mais palpitantes da situação interna nacional, e referindo-se á actividade politica do Governo e á acção parlamentar que acompanha os seus anseios, afirmou:

—O distrito do Porto, nomeadamente, beneficiará de algumas dessas prometidas realizações, já velhas e legitimas aspirações suas, e delas tirará certamente grande proveito: as novas unidades da Marinha Mercante, já em plena construção, para o transporte das matérias primas, em especial de origem colonial, que tanta falta fazem ao plano de actividade da industria local; a sensivel melhoria dos tarnsportes, incluindo a criação, em boa hora, dos transportes aéreos; a organização e o financiamento da montagem da grande Central de Energia Electrica do Cávado-Rabagão, sem a qual não será possivel criar para a produção um maior rendimento e muito menos iniciar outras actividades, não só para novas fontes de riqueza, mas tambem para a base de partida duma melhor autonomia na vida particular dos cidadãos; as instalações hospitalares e de assistência; as dos estabelecimentos de ensino, bem como outras providências de Fomento, todas para beneficio da comunidade.

Dirigindo-se ao sr. ministro do Interior, disse:

—Em conclusão: coerente com o que venho de expôr e com a lealdade que sempre uso na minha vida publica e particular, esclareço a minha orientação no lugar para que v. ex.ª me indicou—colaborar com os que trabalham; assistir aos que precisam; obedecer aos que governam.

Declarou, por ultimo, que o seu partido politico, hoje como ontem e sempre, será Portugal.

Dirigndo-se ao sr. ministro da Guerra, afirmou:

—A presença de v. ex.ª, sr. ministro, nesta cerimónia não deve interpretar-se como siguificando uma homenagem de ordem pessoal ao mais emodesto dos seus colaboradores. Outra intenção animou v. ex.ª a vir aqui, mas essa muito mais alta e verdadeiramente sublime (permita v. ex.ª que lhe desvende a alma!):

Vejamos que acabamos de realizar o maior esforço militar dos nossos tempos. Tudo se preparou e executou serena e calmamente; tudo se armou e equipou com todo o material; tudo se transportou e se manteve com os nossos préprios meios e recursos; e para tudo ser perfeito, inclusivamente, manteve-se a permanência da rotação das unidades ou sub-unidades, nas épocas previstas; e só com a nossa pequena Marinha Mercante que pôs ao serviço da nação a mais decidida e a mais competente dedicação.

Acrescentou:

—Se v. ex.ª, sr. ministro da Guerra, teve a honra da direcção da obra realizada, o Estado Maior orgulha-se de a ter preparado. Posso declarar que os comandantes, os subalternos, os graduados e os soldados têm direito á vaidade de ter cumprido. Agora, que tudo acabou e que os soldados de Portugal já recolheram aos seus lares, autorize-me, sr. mnistro, a afirmar na sua presença, e nesta terra bendita onde se erguem as torres de Leça do Bailio, que os soldados de Portugal são dignos descendentes dos cavaleiros templários e sabem, com toda a competência, guardar o que eles lhes legaram. Ao desvendar a delicadeza da sua intenção, sr. ministro da Guerra, só resta fixá-la para que se tenha a consciência do que lhe devemos.

E, voltando-se, novamente, para o sr. ministro do Interior, exclamou:

—Espero que v. ex.ª continue a dispensar a esta terra o seu reconhecido carinho, com a sua alma boa e generosa. Da cidade do Porto, deste altar da Pátria, eu tenho a honra de saudar em v. ex.ª o Governo da Nação, o seu prestigioso chefe e o grande Chefe do Estado.

O novo chefe do distrito foi depois muito cumprimentado por todos.

Aos ministros que vieram assistir á posse, será esta noite oferecido, no Palácio de Cristal, um banquete a que assistem as forças vivas e os representantes dos organismos locais.

Subsecretário da Agricultura

Acompanhado do seu secretário e de outras entidades, seguiu esta manhã para Viana do Castelo, a fim de ali se avistar com entidades locais, para estudar o problema de abastecimento de milho á região nortenha, o sr. eng. Albano Homem de Melo, subsecretário de Estado da Agricultura.

Conferência

E' aguardada com grande interesse a conferência que hoje, á noite, o sr. dr. João de Barros realiza no salão nobre do Clube Fenianos Portuenses. O ilustre escritor versará o sugestivo tema «Cantores interpretes do povo português». Esta conferência é promovida pela Liga de Pofilaxia Social.

Socorro Social

Realiza-se ámanhã, no Coliseu do Porto, um espectáculo em benefício do Socorro Social em que colaboram os artistas da Companhia de Opera, Carla Castellani, Ornélia Fisnechi e Manacchini Giuseppi bem como o maestro Nicola Rucci que acederam com simpatia ao convite que lhes foi dirigido para colaborarem no espectáculo. Apresentar-se-á o Orfeão Universitário do Porto sob a regência do maestro Afonso Valentim que interpretará trechos de Beethowen, Hermínio do Nascimento e cantares do folclore minhoto recolhido, pelo sábio professor mestre Gonçalo Sampaio. Haverá tambem fados e guitarradas e a colaboração da Orquestra universitária de tangos.

A INGLATERRA E O EGIPTO

(Continuação da 1.ª pag.)

Que respondeu a este pedido concreto, o Governo de Londres?

«A Grã-Bretanha, diz a resposta do Foreign Office, está decidida a encarar uma colaboração completa e libre com o Egipto, tal como deve existir entre associados com reciprocidade de direitos e deveres, a fim de assegurar a defesa dos seus interesses mutuos respeitando completamente a independência e a soberania da nação egipcia».

O Governo do Cairo pediu a retirada das tropas britanicas que se encontram no seu território. O Governo de Londres deseja concertar com ele a defesa, em comum, das regiões vitais que interessam aos dois paises. A ultima guerra demonstrou, com a corrida fulminante de Rommel até ás portas de Alexandria, que essa defesa só pode ser assegurada com a participação activa do poder militar da Grã-Bretanha. E' isto, certamente, que os peritos que, do lado britanico, vão participar nas negociações não deixarão de fazer realçar. Os dados técnicos do problema são inconciliáveis com as exigências politicas das duas partes. Os ingleses não desistem de assegurar pelos seus próprios meios a defesa do Canal. Os egipcios entendem que chegou o momento de fazer cessar uma situação que dura há mais de sessenta anos. O trabalhista Bevin tem, a esse respeito, ideias tão precisas como lord Milner. O colaboracionista Nokrashi Pachá procedeu, ressalvados os cuidados da forma, com a desenvoltura agressiva dos chefes do Wafd.

Uma oportunidade inesperada

Duas conflagrações mundiais, vencidas pela Grã-Bretanha no curto prazo de trinta anos, deram ao Egipto uma oportunidade inesperada para transformar a sua vida e modificar o seu destino. Quem visitasse o Cairo e Alexandria, em Dezembro de 1914, quando foi proclamado o protectorado britanico e deposto o khediva pró-alemão Abbas Hilmi, mal poderia imaginar o progresso alucinante que em três décadas realizariam as duas cidades onde pulsa o coração do Egipto. O espanto do visitante seria, certamente, maior se lhe dissessem que, nesse mesmo periodo, surgiriam, com os arranha-ceus espectaculosos do Cairo e os balnearios sumptuosos de Alexandria, os catorze pontos de Wilson e a Carta do Atlantico, o pacto dá S. D. N. e o Estatuto do O. N. U., os quais funcionariam como um engenho de retardamento explorado nas mãos desprevenidas dos seus inventores.

Em 1945, como em 1919, o Egipto reclama a sua independência total e o restabelecimento da sua soberania, invocando as promessas feitas e os serviços prestados durante a guerra. Há um quarto de seculo figuravam no seu activo o trabalho realizado por um milhão de recrutas do Labour Corps, quatro milhões de libras emprestadas e a satisfação das requisições dum exercito britanico de ocupação. Esse activo aparece representado no fim da conflagração mundial por mais trabalho, por uma divida maior (quatrocentos milhões), pela satisfação integral de tudo o que, em nome da aliança, foi pedido ao «fellah». Estes titulos incontestáveis vão pesar nas negociações tanto como as manifestações exaltadas dos nacionalistas que percorrem as ruas lançando imprecações e enfrentando o rigor da repressão policial.

As realidades estratégicas

A realidade estratégica que a aliança anglo-egipcia exprime estão presentes na memoria do novo chefe do Estado Maior Imperial, marechal Bernarde Montgomery. O vencedor de Alamein, que é um estudioso insaciável da historia militar, conhece a atracção que o solo egipcio exerce sobre a imaginação de todos os conquistadores. Ele próprio viveu e cobriu, com a exaltação das suas proclamações inspiradas nos meses cruciais que, entre Julho e Outubro de 1942, decidiram a guerra nas paragens distantes do Nilo. Bastava que Rommel estendesse um pouco o rasto de aço das «Panzer» para se apoderar do Delta e do Suez. Calcando o seu orgulho e o seu ressentimento, o Fuehrer apelava para a competência de List, o perito da guerra de montanha, exigindo-lhe que cobrisse, num esforço supremo, as escassas centenas de quilómetros que separavam a Wehrmacht de Baku, enquanto os japoneses batiam ás portas da India e de Ceilão. Sem a resistência do 8.º Exercito no gargalo de Alamein as potências totalitárias teriam estabelecido o seu dominio sobre o mundo. Hitler renovava o sonho do Kaiser e de Napoleão. Rommel continuava a obra interrompida por von der Goltz.

Esta a lição recente dos acontecimentos que os chefes militares da Grã-Bretanha não podem ignorar no momento em que a questão secular do Mediterraneo Oriental e das passagens que lhe dão acesso entram numa fase critica. Que atitude assumirão os seus diplomatas, encarregados de acautelar, nas próximas negociações para a revisão do tratado de 1936, os interesses essenciais do Império e a segurança das suas rotas maritimas?

Houve um tempo em que bastava á Grã-Bretanha ter a chave do Sudão e a possibilidade de bombardear Alexandria para abater, antes que elas se traduzissem em actos, as veleidades do nacionalismo egipcio. A diplomacia britanica sabe que neste momento uma politica de intransigência levaria o Nahas Pachá ao poder, mobilizaria a Liga arabe e suscitaria a cólera do Conselho de Segurança fazendo o jogo dos sovietes. A atitude da delegação egipcia, quando em Londres foram tratados os casos da Indonésia e do Levante, não permite alimentar um optimismo exagerado quanto á dificuldade das negociações que vão iniciar-se, cujo resultado exercerá uma influência considerável na evolução dos acontecimentos que estão a modelar a nova ficionomia do Médio Oriente.—C. F.

TEIXEIRA GOMES
nunca perdoou
a Afonso Costa?

«A vida romanesca de Teixeira Gomes»—o sensacional livro de Urbano Rodrigues, agora posto á venda em todo o país, lança uma luz esclarecedora sobre os bastidores da nossa politica até 28 de Maio de 1926.

A posição do Presidente Teixeira Gomes perante a atitude de Afonso Costa é um dos fulcros deste admirável livro.

Editora Maritimo-Colonial, Rua do Comercio, 8, Lisboa.

Para Ter A Sua Casa
adornada com gôsto, não esqueça que as Pratas mais artisticas e de melhor estilo vendem-se na
Grande Ourivesaria da Moda
257—Rua da Prata, (Esq. de Santa Justa)

Aos proprietários de automóveis

Estando já autorizada a livre circulação de automóveis, a **«ROYAL EXCHANGE ASSURANCE»** *toma a liberdade de lembrar aos seus segurados, cujas apólices estão ainda em suspenso, a conveniência de mandarem proceder à sua imediata revalidação.*

OS AGENTES GERAIS
M. Casal, Ld.ª
Rua Aurea, 87-1.º
TELEFONES 23116, 23117 e 27627
LISBOA

AGÊNCIA NO PORTO
Domingos Ferreira Simas
Rua Sá da Bandeira, 235-1.º
TELEFONE 5610
PORTO

Vida desportiva

LUTA LIVRE

José Luiz, para não ser linchado, foi guardado pela polícia!

José Luiz, que de pugilista regular se transformou em «estrela» de luta livre na disputa do campeonato de Barcelona, em que continua invencível, escreve-nos a relatar o que foi a sua ultima luta, no «Grand Price», com Urteaga, o qual teve assistência superior a 20 mil pessoas.

José Luiz, ainda não completamente refeito de uma lesão num braço, da sua ultima luta com Galude, procurou que o combate fosse adiado, o que não conseguiu, subindo ao *ring*, por consequência, em inferioridade.

A luta entre José Luiz e Urteaga iniciou-se logo com violência e no 1.º assalto, o lutador português esteve em dificuldade, devido á lesão no braço, facto que o lutador espanhol explorou constantemente. O 2.º assalto, foi uma luta de peias, em que o sangue dos dois lutadores, salpicou os espectadores das primeiras filas.

Todos os golpes permitidos (nesta luta brutal, só não é permitido puxar pelos cabelos), foram empregados, e quando o assalto terminou, os dois pugilistas tinham as faces ensanguentadas...

No terceiro assalto, o português socou o espanhol, fez-lhe uma prisão de pernas, deitou-o ao chão, levantou-o e atirou-o para fora do ring por 15 segundos. Urteaga, quando regressou, arrastava uma perna com dificuldade...

José Luiz enlaçou-o, lançou-o a terra e apesar da gritaria do publico e do lutador espanhol, bater no chão, com a mão, a assinalar desistência, torceu-lhe uma perna de tal maneira, que a partiu.

O publico, enfurecido, saltou ao *ring* e José Luiz teve de ser escoltado pela policia até ao hotel, senão era linchado.

ESGRIMA

O «brassard» de espada do G. D. da Casa H. Vaultier

Na sala de armas do Grupo Desportivo da Casa H. Vaultier disputa-se ámanhã, ás 18 e 30 horas, o «brassard» de espada, no qual participarão todos os seus atiradores que praticam esta arma.

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

CONCURSOS—Perante um juri constituido pelos srs. dr. Alves Monteiro, Ernesto da Fonseca e Silva Pereira, respectivamente director e adjuntos da Polícia Judiciária, prestaram hoje provas de exame, para chefes de brigada da mesma Polícia, cinco concorrentes, entre os quais um oficial miliciano e um escrivão de Direito.

UM DESFALQUE—A Polícia procede a deligências para descbrir o paradeiro de Vasco Leopoldo de Sá Miranda, que se ausentou depois de ter praticado um desfalque de 17 contos na firma «Bristol Corporation», na Avenida da Liberdade, 23, onde estava empregado.

TUNA COMERCIAL

A Tuna Comercial organizou, para o próximo carnaval, duas «matinées» no Jardim Cinema, a favor dos Inválidos do Comércio, cujo atractivo terá um concurso de danças de 1900.

CONFERENCIAS

Hoje, ás 21 e 30, o sr. dr. Orlando de Carvalho, de Coimbra, fará uma conferência, no Salão de Emissões Portugal, Largo Trindade de Coelho, 6, 3.º, sobre «Novo humanismo», promovida pelo Centro Nacional de Cultura.

—Na próxima terça-feira, dia 26, pelas 18 e 30, o sr. dr. J. W. Barker realizará uma conferência sobre ««Jane Austen», na sede do Instiuto Britanico em Portugal, á Rua de Luís Fernandes. A entrada é livre.

O CHOQUE DE AVIÕES

sobre a Golegã

Do hospital da Estrela para o cemitério de Benfica realizou-se esta tarde o funeral dos dois alunos pilotos aviadores, José Marques Peralta e Celestino Manuel Pinto da Costa, vitimas do desastre de ontem, ocorrido, como noticiámos, perto da Golegã.

VIDA MUSICAL

Audição de sonata

Realiza-se ámanhã, quinta-feira, ás 21 e 45, no Sindicato Nacional dos Musicos, a 4.ª audição cultural, da serie de sonatas para violoncelo e piano, pela distinta professora D. Isaura Pavia de Magalhães, com a colaboração de Elsa Klebanowski. Serão executadas sonatas de Corelli, J. S. Bach, Beethoven e J Hure.

LICEU DE PEDRO NUNES

Efectua-se depois de ámanhã, no Liceu de Pedro Nunes, a festa anual organizada pelo seu programa radiofónico «Semana a Semana». Na parte de variedades colaboram a orquestra Manolo Bel, irmãs Meireles, Maria Lemos, Trio Lamiti, José António, Tony Cruz e os artistas de teatro, João Villaret e Mário Barroso. Segue-se uma parte de teatro, com a revista «Caixote de Surpresas» e a farsa «Improviso do Barba Azul».

VIDA MUNDANA

MADAME VALLE

Apresenta os primeiros modelos de chapeus chegados de Paris.

Teatros e Cinemas

Ópera lírica

«Rigoletto», no Coliseu do Porto

PORTO. 20.—Não obstante os principais intérpretes terem ficado um pouco áquem da medida das suas reais possibilidades, a ópera «Rigoleto», de Verdi, que ontem se cantou no Coliseu desta cidade, poude mesmo assim constituir espectáculo de valor e com incontestáveis motivos de agrado, de que os fartos aplausos do publico aos cantores, orquestra e coros, são provas incontestaveis e, hoje canta-se «Luccia de Lammemoor» com o célebre tenor Tito Schippa.—*G. C.*

Outros tempos

Faz hoje 60 anos que, em festa artística do actor Augusto Rosa, no teatro D. Maria, se representou a comédia de D'Emery, «D. Cesar de Bazan», traduzida pelo poeta Macedo Papança (conde de Monsaraz). Conta o notável comediante, nas suas «Recordações», que, no primeiro ensaio de prova, percebeu que alguns artistas que estavam a assistir se riam á sucapa e cochichavam uns com os outros. Não fez caso, mas tratou de indagar a causa de semelhantes sorrisos. Soube então que o «D. Cesar de Bazan», tinha sido representado em todos os teatros de segunda categoria com outros titulos: «Rei e Aventureiro», «Maritana», «O Primeiro Ministro», e outros. Quer dizer, «era uma comédia velha, conhecidissima, que não tinha surpresa. nem interesse para ninguém».

E termina Augusto Rosa:

—«Deixá-lo; é andar para diante. Representou-se e ninguém a conheceu».

Tal e qual em 1946. Há peças que aparecem tão bem mascaradas de originais que ninguém as conhece Parecem outras...

EFEMÉRIDES

1869: Nasce no Porto o actor Inácio Peixoto. Representou pela primeira vez, na terra da sua naturalidade, a 16 de Julho de 1887, no teatro dos Recreios, entrando na revista «Por dentro e por fora», original de Guedes de Oliveira. Depois de percorrer vários teatros do Porto, veio em 1892 para o teatro Avenida, d Lisboa, obtendo um grande êxito na revista «Pastilhas do Diabo». Trabalhou em todos os teatros da capital, foi societário de D. Maria e director de várias companhias. Percorreu a provincia, ilhas e esteve no Brasil.

Atrás do reposteiro

«Cuidado com a Bernarda», é a comédia que Ascensão Barbosa adaptou para a companhia de «Cómicos Populares», do Apolo, da qual faz parte a actriz Maria Matos. A esta peça segue-se outra, de Oscar Wilde, intitulada «O Perigo de se chamar Ernesto», que está a ser traduzida por Alberto Barbosa e José Galhardo.

—No teatro Sá de Miranda, de Viana do Castelo, estreia-se hoje, com a revista «A Vitória», a companhia do teatro Maria Vitória, em «tournée» dirigida por Alves da Silva.

—Na revista de Fernando Santos e Almeida Amaral, em ensaios no Avenida, o actor Armando Machado, além de outros papeis, desempenha: «O Chico» e «O Anjo da Guarda». Para a companhia foi também contratada a actriz Deolinda Saraiva.

—Para tratarem do projecto de transformação do teatro Aveirense, vão reunir-se todos os accionistas no próximo dia 3 de Março.

—A seu pedido, abandonaram o grupo «Verde Gaio» os bailarinos Carlos Alberto, Frederico Norton, José Paulo e António Teixeira, tendo já sido contratados pela empresa Piero, para a revista do Avenida.

«A Bonequinha do Porto»

Uma encantadora opereta popular que Lisboa vai em breve aplaudir no Variedades

Leve fio de inspirada filosofia popular, encantador recorte de sãs e francas almas do povo a viver e a vibrar, é profundamente humana e encantadora esta deliciosa opereta, que Arnaldo Leite e Heitor de Campos Monteiro escreveram e Fernando de Carvalho e Bernardo Ferreira inspiradamente musicaram. Tal com no Porto, onde ainda se encontra em plenissimo exito no Sá da Bandeira, Lisboa vai em breve aplaudir esta deliciosa aguarela popular que será apresentada com todos os cuidados, no Variedades, para que em nada perca a sua frescura inicial.

A FALTA DE ILUMINAÇÃO

no concelho de Almada

ALMADA, 19.—A retirada de um suporte e respectiva lampada do edificio de uma colectividade, que sofreu importantes obras, sito na Avenida Heliodoro Salgado, desta vila, deu lugar a que ficasse na penumbra uma parte da referida artéria, não se sabe porquê, pois que o suporte e lampada poderiam talvez ficar do lado oposto e o local continuava a ser iluminado como anteriormente.

O pior de tudo—é haver pessoas, menos escrupulosas, que, aproveitando-se da escuridão, ali vão praticar certos actos impróprios de um meio civilizado, ainda com a agravante de brigarem com a higiéne e sanidade publicas.

Chamamos para o facto a atenção das entidades competentes, certos de que providências serão tomadas.

Cinema nacional

O escritor e jornalista Gentil Marques, escreveu um argumento que entregou á firma Cineditora.

—Foram contratados para o filme «Matinées ás 4», os artistas Sara Rafael, Silvestre Alegrim e Alberto Ghira.

—Em visita de estudo, relacionada com a realização do filme Rainha Santa, seguiram hoje, no «rápido» da manhã, para Coimbra e outras localidades, acompanhados de Anibal Contreiras, os cineastas espanhois Rafael Gil, Cesário Gonzalez, Alfredo Fraile e Alcorcon.

RECINTOS DE DIVERSÕES

Realiza-se hoje, no «Patinagem», uma grande festa de fado, com Maria de Fátima, Emilia Pereira, o cantor Moisés Campelos, Julio Vieitas, Joaquim Cordeiro, Acácio Gomes e Santos Moreira. Amanhã começam os bailes de mascaras.

—João Lopes Lino, empresário do Ritz Clube, seguiu hoje de avião para Espanha, onde vai tratar de assuntos que se prendem com a parte artistica desta casa de diversões.

CARTAZ

TEATROS

TRINDADE—A's 21 e 45—«A Massaroca».
AVENIDA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«O Pão de Ló».
VARIEDADES—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«Alto lá com o Charuto!»
APOLO—A's 20 e 45 e ás 22 e 45—«A Madrinha de Charley».
MARIA VITORIA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«Travessa da Espera».
COLISEU—A's 21 e 30—Companhia de Circo.
CASABLANCA—A's 21 e 30—«Music-Hall»

CINEMAS

S. LUIZ—«As Rochas Brancas de Dover».
TIVOLI—«A Odisseia do Porta-aviões X»
EDEN—«Brilham as Estrelas».
POLITEAMA—«O Terror na Opera».
GINASIO—«Capricho!».
PALACIO e ODEON—«Assim é a Glória».
CAPITOLIO—«Elas também Combateram».
TERRASSE e LYS—«Laura».
REX—«Quando elas se Encontram».
OLIMPIA—«A Casa Enfeitiçada».
PROMOTORA—«O Principe e a Bailarina».
SALÃO IDEAL.

ESPECTACULOS NO PÔRTO

SA' DA BANDEIRA—«A Bonequinha do Porto».
COLISEU—«Luccia de Larmermoor».
S. JOÃO—«O Mundo de ámanhã».
AGUIA DE OURO—«Submarino á vista».
TRINDADE—«Caixinha de Surpresas».
OLIMPIA—«Caixinha de Surpresas».
JULIO DINIZ—«Fantasia Branca».
CARLOS ALBERTO—«Direcção desconhecida».

COLISEU DO PORTO TEL. 5196
HOJE
Luccia de Lammermoor
em recita de despedida e homenagem ao célebre tenor Tito Schippa

SÁ DA BANDEIRA
A's 21 e 30 TEL. 2595
Terceira semana de um grande êxito
A BONEQUINHA DO PORTO
com Salúquia Rentini, Erico Braga, Soares Correia, Maria Salomé, Cremilda de Oliveira, Alberto Reis, Luís de Campos, Domingos Marques, Elvira Velez, etc.

Rivoli Tel. 2788
A's 21 e 30
Em 2. semana um filme assombroso em tecnicolor
TERROR NA ÓPERA
com BORIS KARLOFF

S. João Telef. 2458 O Mundo de Ámanhã

Aguia d'Ouro Submarinos à Vista e a PEQUENA AVENTUREIRA

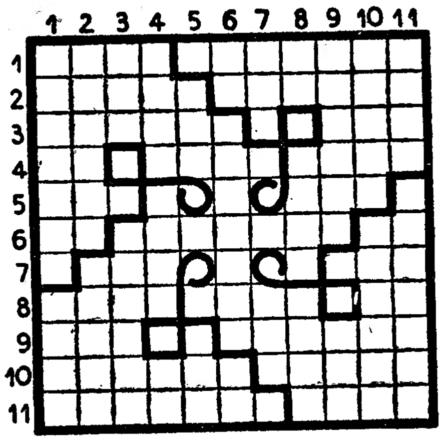
TRINDADE Tel. 4412
OLIMPIA Tel. 533
A's 21 e 30
Segunda e última semana de um filme prodigioso
«Caixinha de Surpresas»

JULIO DINIZ Telefone 9559
Em 3 semana
A grandiosa revista-opereta
Fantasia Branca

CARLOS ALBERTO Telefone 4540
A's 21,30
Direcção Desconhecida
Dois sem Juizo

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1236



HORIZONTAIS: 1—Lugubre. Espeta. 2—Cidade onde foi assinado o armisticio que pôs termo ás ultimas hostilidades na Europa. Altercar. 3—Mostrai-vos aborrecidos. Mulher de pequena estatura. 4—Símbolo do niquel (quim.) Congénito. Cidade e porto de mar da provincia de Pontevedra (Espanha). 5—Interjeição que imita pancada. Fileira. 6—Preposição. Corda grossa. Nome de letra grega. 7—Contracção de pronomes pessoais. Cinquenta e quatro (rom.). 8—Soberanos. Gastam. Medida itinerária chinesa. 9—Nome de mulher. Natural do Sião. 10—Taberna. Jogo de cartas. 11—Separara. Transpirar.

VERTICAIS: 1—Discurso longo e enfadonho. Ministro do culto judaico. 2—Receavam. Risonhos. 3—Escarneceu. Cognome do frade e poeta jocoso do séc. XVI, que foi um dos tipos mais populares de Lisboa. 4—Mar entre a Arábia e o Indostão. Grande confusão. Artigo (ant.). 5—Senhora (brasil.). Vila do concelho de Idanha-a-Nova. 6—Senhor. Compositor austríaco, do século passado, autor de valsas célebres. Aspecto. 7—Breu. Gemidos. 8—Prefixo de negação. Trespassa. Nocivos. 9—Cobertura própria de mulheres. Pronome possessivo. 10—Território de Angola entre os rios Cunene e Cubango. Cavalicoque. 11—Jarro (planta). Distinguir.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1235

HORIZONTAIS: 1—Coniventes. 2—Ora. Amuou. 3—Pó Brida. Ar. 4—Até. Olé. 5—Teu. Azevia. 6—Hansa Areal. 7—Axioma. Aos. 8—Gás. Boa. 9—Ui. Denso. Aa. 10—Gorda. CLV. 11—Congelaria.

VERTICAIS: 1—Copenhague. 2—Oro. Taxai. 3—Na. Senis. Go. 4—Uso. Don. 5—Ara. Amberg. 6—Emita. Aonde. 7—Nudeza. Asa. 8—Toa. Era. 9—Eu. Oveos. Cr. 10—Aliás. Ali. 11—Prealegava.

Cortejo de oferendas

para o hospital de Ílhavo

ILHAVO, 19.—Obteve grande exito do publico o cortejo organizado, na Encarnação, em beneficio do hospital. Dezenas e dezenas de raparigas, mais de cem crianças das escolas, pescadores e dois grupos musicais formavam um longo cortejo.

Calcula-se que as ofertas tenham rendido cerca de 8 mil escudos, o que representa muito para uma freguesia pequenina como a Encarnação. O prior de Ílhavo, provedor do hospital, fez uma exortação á chegada do cortejo.

UM MENOR FERIDO

pela explosão de um foguete

TERMAS DE S. VICENTE, 18.—O menor Paulino Pereira, filho de Manuel Pereira e Carolina Ferreira, desta localidade, procedia ao lançamento de foguetes, um dos quais lhe explodiu na mão esquerda. Foi conduzido ao hospital de Penafiel, onde foi pensado, seguindo depois para casa.

Homenagem póstuma

a António Augusto Gonçalves

COIMBRA, 18.—O Instituto de Coimbra promove, no dia 17 de Março, uma sessão de homenagem á memória de mestre António Augusto Gonçalves, na Associação dos Artistas. Além de outras entidades colaborarão os srs. drs. Costa Rodrigues, Aarão de Lacerda, Manuel Monteiro, Fernandes Martins e coronel Belisário Pimenta.

Noticias de Alcobaça

ALCOBAÇA, 18.—A Camara Municipal adquiriu dois cisnes para o lago do Parque Municipal.

—Vai intensificar-se o trabalho de pavimentação, em cubos, da estrada de Alcobaça ao Valado.

—Esteve nesta vila o sr. tenente-coronel Humberto Delgado, director do S. N. A. C., que visitou as propriedades da freguesia de Cala.

—Vai filmar-se um documentário sobre as actividades históricas, turisticas, industriais e comerciais de Alcobaça.

ESCOLA ENCERRADA

SINFÃES, 18.—Chamamos a atenção de quem de direito no sentido de que seja posta a funcionar a escola mista do lugar do Casal, encerrada há mais de sete anos, o que provoca compreensiveis transtornos ás crianças em idade escolar.

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 2.ª pag.)

vesse a manejar as alavancas! A Ciência teve sempre destes colaboradores abnegados e obscuros.

Os cometas gozam de má reputação. Creio que, para tanto, lhes bastaria a excentricidade de serem astros caudados e vádios. Os astros ou são fixos ou têm orbitas definidas, habitos regulares, situações previsiveis em qualquer época do ano.

Os cometas são os vagabundos do espaço. Por isso os homens sempre desconfiaram deles. O seu aparecimento nos ceus era de mau presagio—como o sal entornado, os marrecas e as facas em cruz. Um cometa no ceu era como o piar de um mocho ou o uivo de um cão—coisas de mau agoiro. E todavia nunca se tinha visto nenhum agitando a cauda como uma ameaça, ali, tão próximo do sol, a dois passos de nós. A esta hora os sábios devem estar a calcular se ele nos apanha, ou com o nucleo ou com o rabo e daqui a quanto tempo. Não me admiro que os movimentos inteiramente novos da sua cauda já tenham levado os grandes matemáticos a estabelecer o sistema de equação diferenciais que exprimam os movimentos das caudas—que no gato, no cavalo e no cão seriam apenas os casos particulares duma lei mais geral, agora descoberta, que regesse os movimentos dos rabos desde os dos passaros e dos «papagaios» de papel, até aos dos astros.

Estou, na verdade, inquieto e curioso. Nós temos escapado a muitas calamidades terrestres. Será necessário encarar este novo fenomeno com prudência e habilidade. Uma chicotada de uma cauda daquele tamanho não é brincadeira nenhuma e espero que teremos a prudênicia de, pelo menos, não a provocarmos.

Recordo-me quando, há muitos anos, passou pela orbita da terra um cometa dos antigos, dos de cauda quieta. Estava eu em Coimbra e tinha vinte e três anos. O cometa lá estava por cima do convento de Santa Clara, nos ceus luminosos e pálidos daquele Abril flòrido. Com o degelo o Mondego ia caudaloso. Ao anoitecer sobre a torre da Universidade brilhava uma estrela enorme e lucilante. Recordo-me.

A Academia saiu para a rua a contar lôas ao cometa. Uma voz de tenor isolada cantava primeiro:

—Rapazes, quando eu morrer

E logo, em côro, a multidão de escolares repetia:

—Marião...

Tornava a voz:

—Levem-me devagarinho

E o coro, em cadencia lenta, arrastada, cantava:

Marião, olha o cometa...
Marião, olha o cometa...
Marião...

Esta ultima palavra ficava a ressoar, lenta e triste, na doçura da tarde palida.

Estava-se próximo dos actos. Os choupos da margem eram verdes, cobertos de folhas. A cauda do cometa parecia poisar agora, mesmo sobre aquela parte do muro de Santa Clara, onde se lia em letras enormes, «Guia do Viajante em Coimbra».

Quando os estudantes debandavam, na noite que cheirava bem, eram os grilos, os rouxinois, as rãs, cantando em coro como sempre junto aos choupos da margem, uma velha cantiga que ainda cantam.

Simplesmente não são os meus ouvidos já que a ouvem!

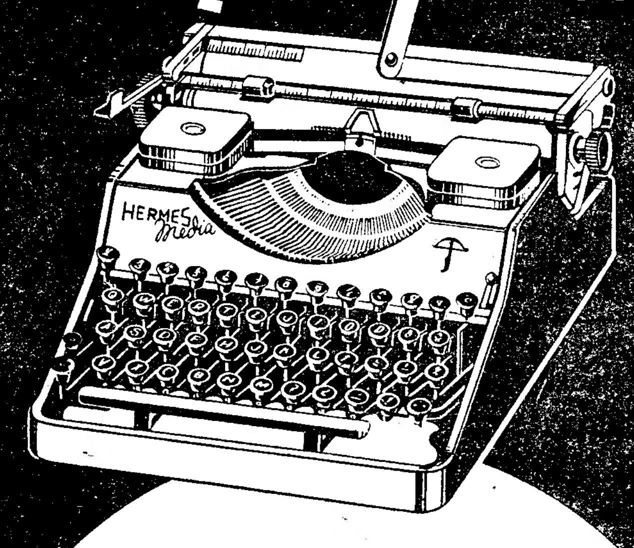
E os cometas de agora agitam a cauda, ameaçadores e terrificos.—R. C.

AUTOMOVEIS

EFECTUAREMOS RAPIDAMENTE A VENDA DO SEU CARRO, E SEM QUALQUER REMUNERAÇÃO, SE DESEJAR DESFAZER-SE DELE OU TROCA-LO.

AUTO-TRIUNFO
Rua Santa Marta, 56-F.

UMA MÁQUINA PARA TODOS OS FINS



Eis uma máquina de escrever universal! Sendo semi-portátil é tão sólida como as máquinas comerciais; serve tanto em casa como no escritório e é altamente prática, veloz e eficiente.

HERMES MEDIA

A MARAVILHA DA INDÚSTRIA SUISSA

Representante: M. SIMÕES JR. · RUA DA CONCEIÇÃO, 46, 1.º • LISBOA
NORTE - ARAÚJO & SOBRINHO, Sucrs.- LARGO DE S. DOMINGOS, 50 • PORTO

OS NOSSOS CONTOS

(Continuação da 2.ª pag.)

—Que fazer então, Santo Deus?—soluçava—que fazer? Sentia que a sua inclinação para a religião era sincera; não se enganava não; tinha a ceteza de que a sua alma não mais vibraria para as coisas do mundo... Renunciaria a tudo: ao luxo, aos prazeres, ao amor—à vida, enfim

—Mas a mãe, a mãe?

Diton chorava e pedia a Deus, ao Deus que desejava servir, que a inspirasse no rumo a seguir.

—Deus da piedade! compadece-te de mim—implorava Diton, ao Senhor do mundo.

* * *

Os dias corriam, apesar de tudo, calmos e nas tardes tépidas daquele fim de Primavera, Diton acompanhava a mãe até ao terraço da sua lindissima vivenda, e, ambas aí, quase em silêncio, desfiavam dentro de si, o rosário das suas desditas.

Havia, porém, uns dias que Diton se mostrava um pouco estranha para a pobre mãe que sentia o coração a apertar-se-lhe, a apertar-se-lhe...

Diton, naquela tarde, rodeara a mãe com os seus habituais carinhos e, quando se sentou, puxou um pouco mais a sua cadeira para junto da mãe que a olhava angustiada.

—Mãe—principiou baixinho—Mãe, eu não sei que resolução tomar porque não quero deixar-te só; mas não posso mãe, não posso continuar a viver no mundo...

—Filha, pensa que tens apenas vinte anos e que não sabes o que é a vida—cortou a mãe numa vaga esperança...

E a um gesto da filha:

—Tem paciência, filha querida, deixa-me desabafar esta mágua que tenho dentro do coração. Abafa-me...

Passaram-se uns intantes de doloroso silencio que Diton não teve coragem de quebrar. A mãe continuou:

—Querida, eu sofro com tua resolução de tomares habito; não tenho mais ninguém no mundo... tu sabe-lo; mas o que mais me aflige é saber que apenas tens vinte anos, que desconheces a vida e queres seguir um caminho cuja responsabilidade não podes alcançar... Supões que a tua primeira decepção de amor—bem dolorosa, eu sei...—te fez perder o direito de tornares a amar. Como te enganas, filha, e que farás quando um dia, já tarde, reconheceres o êrro... O Senhor tenha pena de ti e te inspire!

E a pobre senhora, mortificada, soluçava.

Diton, ternamente, envolvendo a mãe nos seus braços, respondeu-lhe:

—Descansa, mãe, não te apoquentes assim... Deus ouviu-me e ouviu-te. Renunciarei a todos os prazeres da vida, mas não te deixarei. Mesmo junto de ti, mãe, eu poderei dedicar a minha vida a Deus, confortando os tristes, ajudando os pobres.

E tristemente, Diton continuou:

—Eu sinto bem que não mais poderei ser a Diton antiga, mas serei sempre a tua filha... Ouve, mãe, ter-me-ás sempre junto de ti.

A mãe não sabia o que pensar de tão inesperada confissão. Sentiu naquela humildade que a filha tinha uma verdadeira inclinação religiosa. Iria ela com o seu natural egoismo de mãe, tornar infeliz—mais infeliz ainda—a sua filha, a sua Diton querida?

—Filha, minha filha, a tua resignação surpreende-me. Não me julgues egoista ao ponto de te prejudicar se de facto é sentida a tua vocação. Mas toma cuidado, querida filha. não te deixes iludir; não deixes que o teu pobre coração ferido procure abafar a voz da razão...

—Não, mãe, não é isso que pensas, acredita-me... Eu vivia iludida quando supunha que o caminho da felicidade era aquele em que a minha vaidade e os meus caprichos eram prontamente satisfeitos. Ainda bem que reconheci a tempo o êrro que me cegava. Deus iluminou-me o espirito e deu-me a conhecer o verdadeiro caminho da luz, da abnegação, da humildade.

E, depois, num movimento de terna alegria, abraçou a mãe e continuou:

—Acredita, mãe, que me sinto feliz porque renunciei ao meu projecto de professar agora, por amor de ti. E' o meu prmeiro passo no caminho da verdadeira renuncia e no da humildade.

Junto de ti, mãe, viverei feliz servindo Deus com toda a minh aalma, com todo o fervor do meu coração. Afinal é o mesmo, não é mãe?

* * *

O luar beijava com uma leve poalha de prata, as frondosas acácias que ornavam o parque.

A brisa fazia oscilar, levemente, as flores...

Na larga varanda debruçada sobre o jardim, duas mulheres abraçadas, choravam docemento...—M. DE S. L.

Pratas artisticas
TORROAES
123 — Rua da Prata — 131
Telf. 24210

Guinazu desmente as acusações dos Estados Unidos contra a Argentina

BUENOS AIRES, 20. — O dr. Henriques Ruiz Guinazu, ministro dos Estrangeiros da Argentina até 1943, numa declaração publicada ontem á noite, desmentiu as acusações contidas no memoradum do departamento de Estado americano de 12 de Fevereiro. Diz que o Governo americano sabia que em 15 de Junho de 1942 o Governo da Argentina recebera da embaixada alemã, em Buenos Aires, uma proposta para os navios argentinos seguirem rotas secretas alemãs para Norfolk (Virginia) e Baltimore (Maryland), na costa leste dos Estados Unidos, então bloqueada. O governo da Argentina rejeitou, pois o aproveitamento dessa oferta não estava em conformidade com a neutralidade.

O encarregado de Negócios da Argentina em Berlim recebeu instruções para informar o Governo alemão de que a Argentina se reservava o direito de livre navegação dos navios argentinos, onde quer que fosse, em conformidade com a doutrina tradicional da América, antecipando-se á declaração de Sumner Welles de não reconhecer o bloqueio continental.

Ruiz Guinazu pergunta:

—Porque é que todo este ponto importante foi omitido no memorandum do departamento de Estado?—(R.).

O Livro Azul sobre a Argentina não fora submetido á Inglaterra

WASHINGTON, 20.—O secretário de Estado disse ontem á noite que o recente Livro Azul do departamento de Estado sobre a Argentina não fora submetido á Grã-Bretanha para aprovação, pois se considerara um assunto unicamente inter-americano.

James Byrnes disse que não achava que a publicação do Livro Azul, na véspera das eleições da Argentina, constituisse uma violação do principio de não intervenção, como se disse em Buenos Aires. Acentuou que o departamento de Estado não publicou qualquer comentário antes da chegada de informações muito importantes. A obrigação do departamento era publicar os documentos o mais brevemente possivel e as consequências da sua publicação não eram assunto que lhe dissesse respeito.

Byrnes disse que não houvera qualquer mudança da politica americana para com a Argentina e que nada se podia dizer ácerca dessa politica até se ter tratado plenamente com todas as outras republicas americanas. As maneiras de ver dalguns desses governos já tinham sido comunicadas aos Estados Unidos.

Perguntado sobre se os Estados Unidos tencionavam suspender os abastecimentos de pneus e maquinaria á Argentina, respondeu que todo o equipamento possivel está a ser enviado e continuará a sê-lo para auxiliar os transportes de trigo da Argentina que são urgentemente precisos no estrangeiro. Relembrou a gravidade da situação alimentar mundial e que a Argentina é um dos maiores produtores de trigo.—(R.).

Debate nos Comuns acêrca da política externa da Grã-Bretanha

LONDRES, 20.—Hoje e ámanhã será discutida a politica estrangeira na Camara dos Comuns e os orgãos conservador «Daily Express» e liberal «Manchester Guardian» consagram os artigos de fundo ás relações da Grã-Bretanha com a Russia. O «Daily Express» diz que é evidente «que pioraram as nossas relações com as potências estrangeiras e, principalmente, com a Russia» e acrescenta que a colaboração iniciada durante a guerra «é demasiado importante para o mundo, para que se perca. Os resultados dessa colaboração estão apenas no seu inicio e não no seu fim. Acarinhar e encorajar relações mais íntimas com a Russia interessa não só á politica internacional, mas também ao comércio britanico».

O«Manchester Guardian», depois de recordar vários incidentes no Conselho de Segraunça das Nações Unidas, declara: «A fraqueza e as hesitações da diplomacia americana—aliás cheia de boas intenções, mas sem firmeza e persistência—lançou um peso tremendo sobre a Grã-Bretanha. Tivemos de assumir a missão de chefes do liberalismo ocidental, papel que parecia destinar-se á América do Norte. Esta situação expõe-nos aos ataques da Russia».—(R.).

Como nasceu a ideia da Organização das Nações Unidas e quais foram as primeiras diligencias para a sua criação

LONDRES, 20.—E' comum o erro dos que criticam a Organização das Nações Unidas suporem que se trata da base para o estabelecimento dum Estado Mundial. Esta declaração franca foi feita por Gladlyn Jebb, antigo secretário substituto da O. N. U. e que acompanhou os trabalhos do novo organismo, desde a sua nascença. Jebb fez um relato interessante da forma como se desenvolveu a ideia, a partir de Maio de 1942, data em que foi nomeado chefe do então chamado «Departamento da Reconstrução», cuja tarefa era elaborar planos para o Mundo do após guerra, e disse:

—Era muito dificil nessa época interessar os povos no Mundo do após guerra.

O primeiro passo para a criação da O. N. U. foi dado em 1943, quando Anthony Eden, esteve em Washington e estabeleceu contacto com técnicos americanos que trabalhavam independentemente. De discussões ali realizadas —e que foram extremamente uteis— com o falecido presidente Roosevelt, surgiu a conhecida declaração de Moscovo, que se transformou na base do trabalho de todos os técnicos da reconstrução. No inverno de 1943, técnicos britanicos, norte-americanos, russos e chineses prepararam um plano para o futuro. Esse plano foi discutido em Moscovo pelos «Três Grandes», nove meses mais tarde e depois incluido nos trabalhos de Dumbarton Oaks. Tudo se resolveu, finalmente, na famosa conferência de Yalta, que reconheceu o principio do direito do veto ás grandes potências e abriu caminho para a realização da conferência de San Francisco.

Gladlyn Jebb acrescentou:

—E' importante compreender que cerca de 99 por cento dos principios e normas da conferência de Dumbarton Oaks foram encorporados na carta das Nações Unidas, sem quaisquer modificações essenciais.

Muitas pessoas desejavam uma organização que não fosse semelhante á antiga Sociedade das Nações. Outros sugeriam a criação de um pequeno Conselho, que seria constituido na base de grupos regionais em vez de nações. Ainda outros proclamavam a necessidade da criação de um Estado Mundial, com um Governo Federal. De todas estas controversias e ideias opostas, surgiu a convicção de que a O. N. U. não deveria ser um organismo muito diferente da antiga Sociedade das Nações.—(R.).

O optimismo de Stettinius

NOVA YORK, 20 — Edward Stettinius, chefe da delegação norte-americana á Assembleia Geral das Nações Unidas, regressou de avião, e declarou aos jornalistas:

—Londres foi a primeira experiência do novo organismo. O que vai seguir-se num futuro imediato na acção efectiva económica internacional será a mais dura experiência que defrontamos. Não podemos deixar de triunfar. A tremenda tarefa de reconstrução e do ressurgimento económico sómente será possivel com a actuação vigorosa dos Estados Unidos no campo económico, tanto do país como do estrangeiro. As outras nações têm também a sua parte nesta tarefa e a minha experiência de Londres convenceu-me de que estão dispostas a corresponder ás suas responsabilidades. Nós nada podemos sózinhos e ninguem espera milagres da nossa parte. O restabelecimento da saude económica no Mundo depende da íntima cooperação de todos os países.—(R.).

Os segredos da bomba atómica foram enviados para Inglaterra para sua melhor salvaguarda

MONTREAL, 20—Sabe-se de fonte autorizada que vários documentos referentes á fabricação da bomba atómica e de importantes pesquisas efectuadas sobre a energia atómica foram enviados de Montreal para a Grã-Bretanha para sua melhor salvaguarda. Foram também enviados os planos do professor J. D. Cockroft, director do Laboratório do Conselho Nacional de Pesquisas de Montreal, para a construção de uma grande fábrica na Inglaterra, destinada a fazer estudos sobre a energia atómica, assim como muitos documentos importantes.

Aquele laboratório e todos os funcionários que nele trabalham estão a ser rigorosamente vigiados. Esses funcionários revelaram que, há algumas semanas, alguns individuos tentaram penetrar no edificio.

Ontem, em várias cidades do Canadá, fizeram-se numerosas prisões de individuos suspeitos de envolvidos na rede de espionagem recentemente descoberta. Foram encontrados documentos importantes e, na residência de alguns deles, apreenderam-se emissores de T. S. F.

A companhia canadiana «Westinghouse» anunciou esta manhã que o Departamento Federal do Abastecimento de Munições ordenou a suspensão do envio de todas as encomendas de munições para a Russia, «por motivos de ordem comercial». A maior ordem colocada, de uma só vez, pelos russos para o envio de munições foi de cerca de 4 milhões de dólares, mas calcula-se que o total das ordens dadas pelos russos para o fornecimento de munições, durante o periodo da guerra e depois do armisticio, é superior a 50 milhões de dólares.—(United Press).

Lord Perth e a S. D. N.

(Continuação da 1.ª pag.)

Conselho de Segurança. Disse ainda que não gostava do poder de veto dos 5 membros permanentes do Conselho de Segurança.

—Oponho-me a ele principalmente no campo dos principios porque abre duas categorias de Estados dentro do organismo que se baseia na igualdade soberana de todos os seus membros.

Pelo sistema da Sociedade das Nações, disse, o partido em questão não só não podia votar durante a discussão, mas não podia opor o veto a represálias como as sanções económicas, no caso de os outros membros decidirem aplicá-las.

O conde Perth prosseguiu:

—O sistema da Sociedade das Nações era mais democrático, uma vez que o sistema da O. N. U. se baseia distintamente nas grandes potências.

Criticou em seguida o que se chamaram «os dentes» da O. N. U., dizendo que uma grande força internacional não seria necessária para reduzir á obediência um recalcitrante pequeno e seria suficiente um testemunho de força.

Lord Perth sugeriu que para decidir a chamada questão do processo—que não estava especificada na Carta da O. N. U.—o presidente do Conselho de Segurança ou o secretário geral deveria, com o auxilio de 2 ou 3 juristas eminentes, ter poderes para decidir se qualquer assunto estava sujeito ao processo dos membros do Conselho e comprometer-se a aceitar tal orientação.

Falando do Conselho Económico e Social, disse que havia uma cláusula magnifica na Carta da O. N. U. que mencionava os direitos humanos e a liberdade fundamental para todos. Esse ideal não existia no «covenent» da Sociedade das Nações e foi um grande avanço.—(R.).

A administração de Berlim

BERLIM, 20—O comando aliado em Berlim não deu o seu acordo á redacção da proposta para uma nova administração de Berlim, apresentada pelas autoridades municipais, segundo informa o serviço noticioso americano na Alemanha.

O Q. G. Aliado pediu agora á secção juridica que elabore as bases para essa administração.—(R.).

Ardeu em Bruxelas uma das maiores bibliotecas sobre o antigo Egipto

BRUXELAS, 20.—Pouco antes da meia noite, declarou-se incendio no Museu Real de Arte e História de Bruxelas, que destruiu quase completamente uma das maiores bibliotecas do Mundo sobre o antigo Egipto, compreendendo 100.000 volumes, e trabalhos de arte avaliados em 50 milhões de francos belgas. O museu está instalado no palácio,—que foi construido para comemorar o 50.º aniversário da independência da Bélgica, que constitui o principal monumento do país. A falta de pressão da água não permitiu dominar o incêndio antes de atingir o interior do museu.—(Reuter).

A estalagem dos Capotes Brancos

Rua «Diário de Notícias», 151-153

(Frente ao Elevador da Glória)

INAUGUROU HOJE as suas novas instalações, ficando a ser uma das casas mais típicas e castiças dos meios alfacinhas. Com um serviço de cozinha esmerado, e frequentada por uma clientela seleccionada, é bem digna de uma longa vida, para assim compensar os esforços empregados pelos seus proprietários. Os poetas e a velha guarda ficam assim com um cantinho familiar e portuguesissimo para matar saudades dos velhos tempos.

FUME CORT
O melhor cigarro americano

SEDAS
Liquidação
Total de cortes de seda em boa qualidade, ao preço da fábrica. Lindos desenhos.
C. DO SACRAMENTO, 7, 4.º
FECHADO DAS 12 ÁS 14

Fume "Vernon"... verá que é bom!